

AMOR E LUZ

(Livro 1, 2 e 3)

FRANCISCO CÂNDIDO XAVIER

Ditados por
Espíritos Diversos

INDICE

Amor e luz

Informação

Amor E Luz

Ensinaamentos Que Não Adquirimos Em Cursos...

Por Onde Eu Passar Quero Agradecer...

Um Elemento Impar...

Mediunidade Sem Amor E Trabalho Não Levará A Nada...

O Entendimento Que Nos Alerta...

O Farol Que Me Iluminou...

O Amigo De Todos...

A Mão Que Consola...

Jesus Não Esquece O Martírio Da S Mães,

Porque Ele Também Contemplou A Dele Do Alto Da Cruz,...

O Estimulo Do Trabalho Constante...

Deixe-O Conosco...

Deus Lhe Pague...

A Família Espírita...

Novos Horizontes No Estudo...

Novos Horizontes No Estudo...

Se Todos Pudessem Viver...

Que Deus O Conserve...

Do Gênio Violento...

A Centelha Que Aquece...

A Centelha Que Aquece...

Chico Xavier No Amanhã Luminoso...

Trazem Nos A Luz, O Amor De Deus...

Deixe-O Conosco...

Renovação

Encontro

Disciplina

Oferenda

Permuta

Fica Com Deus

Caminho

Notícia

Esplendor

Compaixão

Servir

Remédio

INFORMAÇÃO

Caro leitor.

De começo estamos aqui materializando uma idéia que há muito trazíamos em formação.

Idéia de fácil concepção não nos deixava tranquilos.

Por vezes ensaiamos. Por vezes tentamos arregaçar as mangas e pô-la em prática. Mas como? Quando? E em que ocasião?

O ensejo chegou, Graças a Deus.

Estamos aí com cinquenta anos de amor e trabalho, mostrando que se pode amar, exemplificar e trabalhar.

Este livro, na sua heterogeneidade, compele o leitor a analisar, interpretando os fatos, que companheiros e companheiras trouxeram, na demonstração do perfil de cada depoente.

Atos e fatos ressaltados que deixaram as marcas de sofrimentos e alegrias na recuperação do saldo dos nossos débitos.

Desbravando a selva das nossas imperfeições, os 150 livros trazidos nestes cinquenta anos, como se fossem lâmpadas acesas a indicar-nos o caminho.

Francisco Cândido Xavier, interpretou nesse tempo todo, os ensinamentos que hoje possuímos na estrada de nossa vida. Mostrou-nos a trilha do bom senso, transformando as rodovias das nossas obrigações, suaves e bem sinalizadas, estruturando em nossa consciência a segurança de chegarmos ao destino sãos e salvos.

O melhor sabor deste livro, decorre da circunstancia de podermos demonstrar a beleza contida num coração que ama Deus acima de tudo, que caminha com Jesus e no professorado da espiritualidade trás o B-A-BÁ para quem ensaia os primeiros passos em nossa Doutrina de Amor e Renovação.

Por isso saímos à luta, fomos em busca de depoimentos, oferecendo liberdade. As revisões foram meramente gráficas e mesmo assim, antes que os originais fossem encaminhados para o Ideal, Instituto Divulgação Editora André Luiz, solicitamos a cada depoente, sua rubrica com a devida firma reconhecida e na oportunidade a doação dos direitos autorais.

Desta informação, resulta o propósito de demonstrar que este livro é autentico e espontâneo quando apresenta ocorrências e pessoas.

Acreditamos, com este volume em suas mãos, quase termos chegado a concretizar a celebre frase: "Missão cumprida".

O nosso trabalho aí está, cabe a você caro leitor julgar-nos com o seu discernimento.

Em última instancia, esperamos merecer-lhe a benevolência da aprovação.

São Paulo, 8 de julho de 1977

Rubens Silvío Germinhasi

AMOR E LUZ

Amai aos que não vos amam;
Fazei o bem àqueles que vos odeiam e orai por aqueles
Que vos perseguem e caluniam.
Porque se amardes somente àqueles que vos amam
Que recompensas tereis?
Os publicanos também não fazem o mesmo?
E se unicamente saudardes vossos irmãos, que fazeis
com isso mais do que outros?
Os pagãos também não fazem o mesmo?
Sede pois perfeitos como vosso Pai celestial é perfeito.
(Mateus, 5:44-46 a 48)

Emmanuel – Testemunhos Diversos Francisco Cândido Xavier - Rubens Silvio Germinhasi

...ENSINAMENTOS QUE NÃO ADQUIRIMOS EM CURSOS...

Augusto Cezar Neto
Nascimento: 27.09.1942
Desencarne: 27.02.1968
Parentesco: Filho

Com a passagem de meu único filho homem, numa circunstancia dolorosa, transtornada, fui assistida por uma médium do Lar do Amor Cristão, entidade que trabalha em prol da criança e dos necessitados, aqui mesmo em São Paulo.

Maria Acácia Maciel Cassanha veio dar-me assistência através de passes, reconfortou-me bastante e recomendou-me que buscasse Chico Xavier, pois lá encontraria sustentação maior para amenizar meu sofrimento. Deu-me muita orientação e explicações, mas eu estava muito confusa.

Era católica e não entendia nada de Espiritismo. Pedi-lhe que me desse uma carta de apresentação ao Chico e explicasse a minha dor. Guardei essa carta para viajar na primeira oportunidade.

Sofria cada vez mais e, numa sexta-feira cedo, desesperada, pedi ao meu marido que me levasse ao Chico Xavier. Que fossemos naquele instante mesmo. E assim fizemos.

De Uberaba, só sabíamos que ficava em Minas Gerais; assim, acabamos viajando pela Fernão Dias e fomos ter em Belo Horizonte. Lá ficamos sabendo a localização certa. Mas nada importava. Queria chegar em Uberaba.

Chegamos no sábado pela manhã. Realizava-se uma reunião que Chico costumava fazer nesse horário. Não conhecia ninguém, inclusive o Chico. Perguntei a uma pessoa que preparava café, quem era Chico Xavier. Fui até ele com a carta que Acácia me havia dado. Mesmo sem ler, disse.

"- Minha filha, ainda é muito cedo para aquilo que você procura. Mas volte aqui às 7:00 horas da noite que conversaremos".

Estava tão revoltada que não sai do Carro até anoitecer. Não tinha fé, no conhecia o Espiritismo e, na minha grande dor, achava que todas as pessoas que ali estavam, tinham obrigação de conhecer meu sofrimento. As palavras trocadas com ele, não chegaram a me comover.

Na hora marcada entrei no Centro. Não tive a humildade que todos demonstravam, esperando pacientemente, em fila, para conversar com ele.

Sentei e aguardei. Percebia que Chico olhava muito pra o meu lado, enquanto atendia humildemente as pessoas. Eu pensava:

"Será que ele está olhando para mim?"

Fiquei prestando atenção e notei que ele continuava olhando. Quis tirar uma prova e mudei de lugar, num ângulo mais difícil de se ver. Observei e percebi então, que me olhava realmente. Comecei a ficar preocupada.

Depois de algum tempo, chamou-me e disse:

- "Apesar de ser um pouco cedo, tenho uma noticia para você. Vou dar-lhe uma prova, pois tenho certeza de que está descrente. Seu filho, em sua casa era chamado pelos familiares todos de Augustinho; mas você e suas filhas o chamavam de Augusto. Não é verdade?"

Desatei a chorar compreendendo toda a verdade, pois aquela particularidade não podia ser do conhecimento do Chico. Desse momento em diante, comecei a me tranquilizar e com muita calma, entendi e dei crédito ao que estava acontecendo. Voltei para São Paulo.

A partir daí e, como todos sabem, nestes momentos nos chegam muitos amigos com palavras e toda espécie de conforto. Sabíamos o valor de todas essas pessoas.

Queria algo que me aproximasse de meu filho. Queria saber onde ele estava.

Para me confortar lia, lia muito. Passei a frequentar o Lar do Amor Cristão com mais assiduidade e a visitar o Chico uma vez por mês.

Creiam todos, para felicidade ou infelicidade minha, fui uma das mães que mais tempo levou para receber uma mensagem de seu filho. Esperei mais de quatro anos.

Recebia muitos recados que me tranquilizavam e me satisfaziam; mas intimamente, desejava mesmo uma mensagem.

Certa vez, Dr. Bezerra de Menezes trouxe-me um recado de dezoito páginas, quase uma mensagem.

Quando recebi a primeira carta de meu filho, estava iniciando na Doutrina Espírita.

Só então tive a lembrança de dizer, por tudo aquilo que havia recebido: "Obrigado, meu Deus!"

Fiquei plenamente feliz. Identifiquei a assinatura autêntica de meu filho e os assuntos que só nós conhecíamos. Não havia nenhuma dúvida.

Com essa mensagem, minha família tranquilizou-se. O sentimento é uma coisa inevitável.

Apesar de, durante quatro anos de convivência com os trabalhos mediúnicos, ter presenciado muitas mães receberem suas mensagens e de estar preparada da forma que estava, quando Chico disse que a mensagem era minha, chorei mais de quatro horas sem parar. A emoção era tamanha que nem ouvi a leitura.

Nela estava contido tudo o que aconteceu após seu desencarne. Minhas conversas, minhas indagações, minhas rogativas... Quando ainda encarnado, consumávamos sentar no sofá, um defronte ao outro, mantínhamos um diálogo aberto e franco; tocávamos muitas idéias, pois tinha muita afinidade com meu filho, apesar de minhas três filhas serem maravilhosas.

Após sua partida, mantive aquele habito. Sentava-me no mesmo lugar querendo vê-lo. Eu falava, chorava, forçava minha mente à sua procura. Não entendia como aquilo havia acontecido. Ficava relembando o tempo todo. De tudo isso ele falou na mensagem.

Pelo relacionamento que temos em Vila Nova Conceição, pois nascemos todos naquele bairro, desde meu marido até meu filho, minha casa ficava cheia de amigos o tempo todo. Amigos formidáveis nos visitavam. Terminadas as reuniões, ia para o quarto do Augusto e chorava muito. Queria vê-lo, senti-lo. Quantas vezes fiz isto. Ninguém em minha família sabia. Tinham seus afazeres. Não queria incomodá-los.

Não podia crer. Augusto que nadava tão bem, vivia dentro dos clubes da cidade, disputava troféus de natação, saía suando dos campos de futebol. Nunca soube que tinha sofrido uma dor de cabeça. Não podia calcular e pensar que este filho fosse morrer afogado a poucos metros da praia.

Quando telefonaram da Praia Grande para que a família se dirigisse a Santos, pois que Augusto sofrera um acidente, pensei ter sido de carro.

Ele esteve a noite toda acordado e saiu cansado do baile. Nunca podia imaginar que fosse afogamento.

Voltando com o seu corpo, víamos os carnavalescos cantando, pulando, chegando mesmo a debruçarem-se sobre o veículo. Aquilo me atingia tanto, que por um

bom tempo não podia ouvir musica de carnaval. Mais tarde pelo Chico, vim a saber que ele teve um problema cardíaco.

Acredito talvez, por causa do banho de sol, dormiu varias horas de bruço na praia.

Graças a Deus estou conformada, pois sei que meu filho está vivo e em continuo trabalho na espiritualidade. E eu encontrei-me no trabalho espírita.

Ele já enviou varias mensagens. Apesar de tardar a primeira, as outras contem ensinamentos doutrinários. Quem sabe o tempo lhe tenha concedido a renovação espiritual necessária para que pudesse trazer essas mensagens. Algumas estão publicadas em livros.

Se eu contasse o que tenho presenciado em Uberaba, nos trabalhos de Chico estes anos todos que lá freqüento, o meu testemunho levaria muitas paginas. Coloquei Uberaba como roteiro de minha vida.

Algumas pessoas que eventualmente nos acompanhavam, recebem suas mensagens na primeira vez que lá comparecem, sem a oportunidade de trocar uma palavra com o Chico.

Isso nos dá o testemunho real, tornando a sua autenticidade indiscutível.

Outras chegam pedindo informações de como proceder. E no final da noite chegam-lhes as mensagens; mas quando procuradas, às vezes se foram, por problemas de horário ou outros motivos que desconhecemos. Fica gravado o carinho, o desprendimento de que o mais necessitado e merecedor é atendido.

E o ensinamento que recebemos toda vez que Chico fala. Das últimas vezes, ele em conversa conosco disse estar muito contente.

Chegou ao ano 50 de sua mediunidade e adoeceu o órgão que mais usou na vida – o coração.

Sofreu junto das mães que perderam seus filhos, de esposas que perderam seus esposos, de esposos que perderam suas esposas, de filhos que perderam seus pais. Assim, podemos fazer que o Chico sofreu conosco todos esses anos.

Não tive oportunidade de acompanhá-lo por todo esse tempo. Mas nos nove anos que freqüento seu trabalho, suas reuniões, tive provas maravilhosas, ensinamentos que não adquirimos em cursos e que não constam em livros, transmitidos através do exemplo.

São palavras do meu coração. Este é o meu testemunho que constará do livro comemorativo que, sem dúvida, marcará para a posteridade a passagem do cinquentenário de sua mediunidade a serviço do trabalho edificante e do amor ao semelhante.

Não queremos elogiá-lo, pois sabemos que o elogio vai contra os seus princípios. Mas precisamos, dizer à humanidade, o que Chico representa: o exemplo, a moral, a humildade, o amor e tudo de bom e belo que se possa pensar.

Quando se quer encontrar a melhora no caminho para Jesus, busquemos dentro do seu trabalho e das maravilhas que fluem das mensagens e dos livros trazidos pelos nossos Irmãos Maiores, que nos abrem a consciência convidando-nos a buscar Jesus.

Isso é trabalho, é amor, é carinho. É Francisco Cândido Xavier.

Yolanda Cezar

...POR ONDE EU PASSAR QUERO AGRADECER...

Wady Abrahão Filho
Nascimento: 16.02.1956
Desencarne: 06.07.1973
Parentesco: Filho

Em meados de setembro de 1973, Chico, em noite de autógrafos no Centro Espírita Perseverança, chegou no momento que mais necessitávamos de conforto.

Pessoa muito amiga e, conhecedora do nosso problema, sugeriu a Áxima, minha filha, que procurássemos Chico Xavier. Ouvia muita coisa boa e bonita a seu respeito. Ela, temerosa, não sabia como nos falar, pois católicos que éramos e sem conhecermos nada de espiritismo, achou que não aceitaríamos a sugestão. Ao contrário, Jandira, minha esposa, numa ansiedade atroz, queria a todo custo encontrar algo que nos tirasse daquele sofrimento. Havíamos até combinado em por termo à nossa existência. Dentro do meu descontrole, cheguei a dormir dentro do jazido com meu filho.

À noite desculpava-me com os meus familiares e dizia ir a minha indústria e desviava-me ao cemitério. Ludibriava o vigia e sorratamente introduzia-me em sua sepultura. Deitando-me na lapide superior. Ficava horas junto dele. Achava que Wadizinho tinha medo de dormir sozinho. Varias vezes fui surpreendido, traído pela fumaça dos meus cigarros que fumava durante o tempo em que ali ficava. Certa feita até a Radio Patrulha foi solicitada, quando tive de justificar minha atitude.

No meu sofrimento não admitia e não aceitava nada. Além de que não tinha interesse em dialogar com ninguém. Devido à insistência dos meus familiares, cedi ao convite e fui ao referido centro.

Com a experiência adquirida na minha juventude e no transcorrer de minha vida, em vista de minha mãe ter estado doente por mais de 13 anos, vi-me obrigado a percorrer e procurar tudo que fosse possível para restabelecê-la. Fui a lugares inimagináveis. Coisas absurdas me apareceram.

Freqüentei ano e meio o Circulo Esotérico, na comunhão de pensamentos. Foi congregado mariano, por demais devotado, e acima de tudo tenho um espírito muito observador. Quando na presença de Chico, vi naquela criatura a inocência de um ser puro. Tanto é que a impressão de Jandira, era de estar na presença de uma jóia muito singela e rara para os nossos dias. Cumprimentou-ns, autografou seu livro e ofereceu um botão de rosa para minha esposa.

Não tivemos tempo para conversar. Compreendi que todos tinham os mesmos desejos de estar em sua presença. Passado algum tempo, nossa vizinha Sra. Esmeralda Cerboncini, em comentários com minha filha, mostrou-lhe a mensagem de seu filho Charles, psicografada por Chico Xavier e publicada no livro Entre Duas Vidas, edição CEC.

Orientou-nos. Caso fossemos procurá-lo, não nos preocupássemos em querer notícias no mesmo dia, pois recebeu sua mensagem após inúmeras viagens.

Áxima trouxe-nos a mensagem e despertou-me o desejo de ir a Uberaba em busca de Francisco Cândido Xavier. Fomos em 23.11.73, leigos totalmente do que se passava, ignorávamos como proceder.

Estranhamos sua maneira de psicografar, nunca havíamos visto. Neste dia quando fomos ao encerramento dos trabalhos, Chico chamou pelo nome: Áxima, Áxima... Jandira adiantou-se a todos, respondeu: "Sr. Francisco, Áxima é minha filha. Viemos aqui porque perdi meu filho". Carinhosamente Chico retrucou:

- Não, a senhora não perdeu o filho. Seu filho é um apóstolo de Jesus.

Mesmo assim, fiquei no firme propósito que nenhum de nós falasse ou comentasse algum ponto sobre o desencarne de Wadizinho, com qualquer pessoa. Muito

menos com Chico. Meus familiares, fiz questão de que ficassem junto a mim, para que pudesse fiscalizá-los. No hotel, coloquei o telefone perto da minha cama, e em que percebessem meu intento, pois achava que poderiam telefonar para alguém. Tomei todas as providências para que não houvesse o mínimo contato.

No dia seguinte lá estávamos novamente. Sentamos e aguardamos. Comentava-se o Evangelho. Chico psicografou. Quando terminou e leu a mensagem ficamos muito surpresos. Wadizinho trazia sua mensagem. Seu conteúdo era todo esperança, dissipava a saudade, mostrava-nos a realidade.

Pedia que transmitíssemos seus agradecimentos aos colegas do Colégio e do grupo da Comunidade Unida a Cristo, na qual era coordenador.

Incentivava-nos a construirmos um Natal Feliz, junto às criancinhas, pois sabíamos de sua programação no Orfanato Irmã Albertina.

Na qualidade de pai que sabe o que representa o amor a um filho, o incentivo para a vida me foi devolvido. Chico na sua mediunidade mostrou-me, apesar de toda a experiência e vivência que pensamos ter, que meu filho está entre nós mais do que nunca.

Nas suas mensagens, tenho-o constantemente em meus pensamentos. Busco na leitura satisfazer minha saudade. Converso e tranquilizo-me entendendo. Recebi várias mensagens de meu filho. Surpresas incontidas, alegrias sem conta. Às vezes penso, como é bom meu Deus, uma criatura como Chico; ele precisa ficar em nosso meio. Nós precisamos dele, ele representa a escora, a base sólida que suporta todos os corações em sofrimento. Descarregamos em suas benditas mãos, as necessidades, e de volta recebemos a alegria e a realidade dos ensinamentos e verdades de Deus, a Divina Sabedoria. Chico é e será sempre para aqueles que o compreendem e compreenderam, a luz que caminha a guiar nossos passos e corações, alimentando-os na certeza de que o amanhã virá à paz e alegria de Jesus.

Por onde eu passar quero agradecer sempre ao mestre Jesus e o seu enviado ao plano terrestre, o nosso irmão Francisco Cândido Xavier.

Wady Ahahão

...UM ELEMENTO IMPAR...

Francisco Perillo Junior
Farmacêutico, nascido e
Desencarnado em Goiás

Eugenio Rodrigues Jardim
Nascimento: 06.10.1856
Desencarne: 26.07.1926
Parentesco: Tio

Com muitos problemas familiares, fomos atraídos a procurar o Espiritismo, para ver se podíamos minorizar as nossas dificuldades.

Tempos depois dessa adesão, tivemos o desejo de procurar o Chico.

Assim, partimos para Uberaba.

Achamos tudo muito simples. Fomos convidados a tomar um cafezinho em pequena cozinha existente, e ligeiramente mantivemos nosso primeiro contato.

Não achei que fosse extraordinário. Foi um encontro ligeiro, sem qualquer surpresa que viesse nos prender a atenção.

Mas, de qualquer maneira, marcou-me sua presença.

Em uma segunda viagem, dentro das mesmas características da primeira, recebi um convite para participar da mesa.

Aceitei com muito bom grado.

Nesse dia sim. Notei uma forte atração que parecia nos unir muito.

Observei no seu carinho o seu amor às pessoas e tudo isto conquistou-me mais.

Tempos depois, voltei numa terceira viagem. Recebi amável convite para participar de seu almoço domingueiro.

Nessa época estava com residência firmada em Goiânia. E, passeando em Goiás, encontrei Consuelo Caiado, grande amiga de nossa família.

Consuelo, espírita também, perguntou-me se podia dar um jeito de interceder junto ao Chico, para que ela pudesse resolver um assunto de muita seriedade e interesse.

Explicou-me e achei realmente tratar-se de caso em que estaria sendo reconhecido o real valor de todo aquele que trabalha para a humanidade.

Consuelo é filha do ex-Senador Dr. Antonio Ramos Caiado.

Comprometi-me e, em vista disso, comecei a estreitar mais o meu contato com Chico.

Depois de muito tempo, consegui marcar uma data para sua visita a Goiás.

No dia previsto, por volta de uma hora da madrugada, recebi seu telefonema: acabava de chegar a Goiânia.

Às 8 horas partimos para Goiás; ainda antes do almoço fomos à casa de Consuelo Caiado. Não pode resolver o assunto, pois, dependia de certas formalidades.

Logo mais, pediu-me que fossemos ao cemitério. Lá procurou o túmulo de Joaquim Santana, pois no caminho me havia perguntado se conhecia essa pessoa.

Disse-lhe que não; ele era do tempo dos meus pais.

Tinha conhecimento de algumas de suas modinhas; também foi cantor.

À noite fomos ao Centro Espírita Amigos dos Sofredores, quando veio a mensagem de minha bisavó Joaquina Porphira Rodrigues Jardim, esposa do meu bisavô, José Joaquim da Veiga Valle.

Esta mensagem causou grande espécie, por ter sido psicografia na ortografia antiga.

Outro ponto que causou espécie, o povo que se encontrava no local não sabia de quem se tratava, admirando-se, visto que a única pessoa que a conhecia era eu mesmo.

Depois terminou o trabalho, ficando marcada uma nova data entre Chico e Consuelo.

Em 8.6.1975 chegou a Goiânia, em seguida foi à minha residência, à Rua 24 nº 15 – Centro.

Sabendo desse dia, perguntei ao Chico se poderia convidar alguns amigos para recebê-lo, no que fui autorizado. Às 8 horas da noite encontravam-se em minha casa cerca de vinte senhores. Apresentei-os sem dizer quem eram, omitindo os seus cargos na vida pública e profissional.

Alguns deles estava acompanhados de suas respectivas esposas. À exceção de três pessoas, quase todos formados em direito, dentre eles Desembargadores, Procuradores de Estado, etc.

Chamava todos pelos nome s respectivos títulos. Realmente, não havia trocado qualquer palavra com Chico.

Conversou com todas essas pessoas, sofrendo verdadeira chuva de perguntas. Nesse meio havia espíritas, católicos e até um casal que se dizia descrente, ateu.

Assim que terminou a palestra, estávamos acima das 22 horas, quando perguntei da possibilidade de se fazer uma pequena reunião, obtendo imediatamente resposta afirmativa. Fizemos os preparativos, sentou-se à cabeceira da mesa e foi convidando um por um para tomar parte do trabalho.

Chamou logo Dra. Amália, esposa do desembargador Maximiano, sentando-a perto dele e junto do desembargador. Continuou chamando até completar os lugares.

O trabalho foi iniciado com prece feita pela Sra. Maria Antonieta, do Centro Espírita que freqüentávamos. Transcorria normalmente o trabalho. Chico psicografando e Dra. Amália Hermano passava as páginas psicografadas do bloco de papel.

Notei que o desembargador não desviava seu olhar um instante sequer daquela máquina espiritual. Terminada a psicografia deu-se a leitura.

A mensagem era do Coronel Eugenio Rodrigues Jardim, que foi Governador do Estado de Goiás, nascido em Goiás no dia 6.10.1856 e desencarnado em 27.7.1926, quando Senador da República, vitimado por um desastre no Rio de Janeiro.

O comunicante era sobrinho de D. Joaquina Porphira Rodrigues Jardim.

Quando nos preparávamos para as despedidas, aproximou-se o desembargador Maximiano e disse:

- "Zé, como é que eu fico agora?"

Tornou-se um grande adepto da Doutrina.

No dia seguinte, às 9 horas, fomos a Goiás. Antes, porém, na minha casa, falou-me que iríamos para uma outra missão.

Nessa data havia desencarnado o Dr. Lincoln Caiado de Castro, primo de Consuelo. Fomos à casa da viúva, Sra. Comary Caiado de Castro. Lá Chico observou várias entidades desencarnadas há anos, que levavam seu preito naquele momento. Acompanhamos o enterro e voltamos a Goiânia. Foi quando percebi qual era a outra missão.

Depois tivemos outro encontro em Uberaba, quando recebeu a mensagem de Francisco Perillo Júnior, velho farmacêutico e Senador Estadual, que aqui residia. Isto foi em 28.6.1975, em sua própria residência.

Depois dessa terceira mensagem, programei ir a Goiás com minha senhora, mas algo dizia que deveríamos ir a Uberaba e assim fizemos.

No hotel disse à Lucy: você vai receber uma mensagem de seu pai, trazia dentro de mim uma certeza muito grande. Mas Lucy respondeu negativamente, achando que não merecia essa dádiva.

Já descansados da viagem, fomos à reunião no Grupo Espírita da Prece, isto na manhã do sábado, 13.12.1975.

Chegou-nos, felizmente, a mensagem de meu sogro, trazendo pontos que só eu e Lucy conhecíamos.

Após todos esse contatos, passamos a levar uma vida completamente diferente.

Estamos hoje empenhados para levar avante a Instituição "*LAR DA FRATERNIDADE*", aliás lembrança do Chico Xavier e, graças a Deus, já registramos o Estatuto, tendo a obra sido reconhecida pelo executivo desta cidade como Entidade de Utilidade Pública. Pretendemos muito em breve iniciar as atividades lá.

Dentro de tudo que acabamos de levar aos leitores amigos e pacientes, tivemos ainda vários encontros e manutenção de correspondência onde cada vez mais nos afinam os sentimentos.

Com tudo isso, podemos perceber que o Chico para nós representa, dentro da sementeira do trabalho cristão, um elemento ímpar a nos impulsionar na exemplificação do Evangelho de Jesus.

Tenho-o como um grande amigo e respeitoso no meu ambiente familiar, presenteando-nos seu coração em matéria e espírito.

José Henrique da Veiga Jardim

Livro Amor e Luz - Psicografia Chico Xavier

MEDIUNIDADE SEM AMOR E TRABALHO NÃO LEVARÁ A NADA...

Antenor de Amorim
Nascimento: 17.07.1875
Desencarne: 26.03.1948
Parentesco: Pai

Alvicio Osoris Nogueira
Nascimento: 08.08.1914
Desencarne: 22.10.1967
Parentesco: Esposo

Há uns trinta anos mais ou menos, Nayá Siqueira Amorim, minha mãe, já visitava o Chico em Pedro Leopoldo. Trazia lindos casos e ensinamentos que nos alegravam muito.

Gostava muito de ouvir mamãe pela sua peculiaridade em nos transmitir, entusiasmada, os acontecimentos quando de suas viagens a Pedro Leopoldo.

Apaixonava-me por tudo aquilo, apesar de trazer em meu coração a orientação católica que buscava nas missas e catecismos.

Devido à alegria contagiante de mamãe, comecei a ler os livros de Chico e, a cada um que lia, encantava-me cada vez mais.

Nos caminhos de nossa vida, estamos presos aos débitos do passado, trazendo-nos as promissórias para serem cobradas no vencimento. O dia da cobrança chegou com o inevitável acidente que ocasionou o desencarne do meu marido e mais dois companheiros que estavam conosco.

Curiosamente, dois dias após o acidente, mamãe recebeu uma carta de Chico que em determinado trecho dizia o seguinte:- Dona Nayá, a Sras. Esmeralda esteve aqui e confiou-me o seguinte recado:- *“Dia à dona Nayá que os passeios para chupar jabuticabas nunca deram certo. Dona Nayá sabe porque estou dizendo isso”*. Chico, sem entender, perguntou:- *“Este recado faz sentido?”*

Tanto fazia, que o acidente ocorrera exatamente quando estávamos a caminho de um sítio, como costumeiramente fazíamos, para ir chupar jabuticabas.

Apenas para esclarecimento dos amáveis leitores, a Sra. Esmeralda Bitencourt era amiga de mamãe, hoje encontra-se no plano espiritual.

Do acidente, fiquei quase um ano em cadeiras de rodas. O médico, achando que não haveria mais condições para eu andar, resolveu dar-me alta. Em vista disso, resolvi ir ao Rio de Janeiro fazer um tratamento de recuperação na BBR. Assim fui melhorando.

Estava com mais de dez fraturas no corpo todo. As mãos totalmente paralisadas. Quando percebi os primeiros movimentos em minhas mãos, senti uma grande vontade de escrever para o Chico. Completei meu desejo.

Continuei no Rio de Janeiro, em tratamento, por uns dois anos. E, em viagem a Goiânia para reconforto dos meus familiares, resolvi parar em Uberaba.

Nessa oportunidade vi o Chico pela primeira vez.

Maravilhada e muito feliz, junto com mamãe, sentamo-nos aguardando para poder falar-lhe.

Mamãe já idosa, com problemas de saúde e eu sem muitas condições de permanecer por muito temp. por isso, ela resolveu escrever um bilhete ao Chico. Assim que lhe chegou às mãos e o leu, imediatamente mandou chamar-nos. Na sua presença, notei-lhe muita alegria e carinho pela minha melhora, pois o meu estado, quando do acidente, não permitia a reabilitação.

No hospital tomava comunhão diariamente e, apesar de ser católica, também recebia o tratamento de passes que mamãe e um pequeno grupo me aplicavam.

Nesses momentos, vi varias vezes nuvens lindíssimas, nas cores rosa e branca. Preocupava-me sensivelmente, pois pensava que fosse problema de visão. Pedi ao médico para examinar-me. O especialista oftalmológico, após os exames, constatou não haver problemas de visão. Meus olhos estavam perfeitos.

Em outras vezes, comecei a ver pontos luminosos que subiam e desciam em torno do meu corpo, como se estivesse sendo ministrado algum medicamento

espiritual. A partir de então, passei a encarar com mais seriedade o Espiritismo Kardecista.

Perdoem-me os leitores a interrupção na seqüência do nosso assunto, mas, continuando aqueles momentos felizes na presença do Chico, este convidou-nos para a prece no dia seguinte cedo. Era com um numero menor de pessoas e não havia receituário, a menos que houvesse necessidade.

Nessa manhã tivemos uma grande alegria, pois nos chegou a primeira mensagem de papai. Mamãe reanimou-se. Atravessava uma situação muito seria, com problemas de minha irmã que há trinta anos era freira e se via obrigada a deixar sua missão, por motivos alheios à sua vontade. Isso magoou-a muito, pois essa tarefa ia de encontro com seus sentimentos. Hoje, graças a Deus, reintegrou-se na vida normal. Papai reanimava-a.

Para mamãe foi uma prova real de que quem estava ali escrevendo era papai. E não foi só isso. Outros assuntos nos esclarecia. Informava que meu marido melhorava dia a dia.

A satisfação era muito grande, pois precisávamos daquele conforto. Aqueles momentos pareciam inacabados, afastando-nos todo o sofrimento. Percebi que papai e Alvicto, meu esposo, estavam sob proteção total dos amigos espirituais. Conscientizei-me de que deveria trabalhar muito para ajudar cada vez mais meu marido, pois sabia perfeitamente que após sua recuperação estaria trabalhando em meu auxílio e dos meus.

Graças a Deus hoje sinto-me feliz, com o coração cheio de alegria, sei que Alvicto está conosco na cooperação do bem comum.

A nossa alegria é constante, pois, quando sentimos saudades, recorremos às mensagens e nos reanimamos com as palavras que nos dão forças para o trabalho. Não que nos falem outras fontes de sustentação, mas ali estão representadas as presenças de suas imagens. Nesses momentos, mamãe recorda os tempos de Pedro Leopoldo e nos conta alguns casos como o que se segue:

“Certa feita, estava no hotel em Pedro Leopoldo e como os trabalhos terminaram altas horas da noite, aproveitou um pouco mais o dia seguinte para descansar. Escutou bater à porta e não se importou, concluindo que não era com ela, pois a ninguém a conhecia na cidade, a não ser o Chico. Continuou deitada, pensando, inclusive, que fosse no quarto ao lado. Tornaram a bater e a chamaram pelo nome. Levantou-se rapidamente, e verificou tratar-se de Chico Xavier.

- “Preciso da senhora, dona Nayá. Tem um senhor aqui no hotel passando mal. Veio do Rio de Janeiro e está com problemas muito sérios. Ajude-me a levá-lo para casa. Não quero que lhe aconteça mal maior. Veio de muito longe para visitar-me e preciso cuidar dele.

Colocaram o homem num carro e foram à sua casa. Trabalharam com preces e passes até que ele melhorasse. Voltaram ao hotel.

Tempos depois, mamãe havia esquecido do ocorrido mas, na presença do Chico, lembrou-se e perguntou-lhe *“Como vai aquele senhor do Rio?”*

- Voltou para casa bem melhor”.

Há pouco tempo em visita a Goiânia. Chico passou rapidamente em casa. Mamãe perguntou-lhe novamente por aquele senhor, e feliz, soube que ele está gozando boa saúde.

Pois é, meus amigos, com tudo o que nos aconteceu pudemos observar que a mediunidade sem dedicação, sem amor e trabalho, não levará a nada. E Chico aí está para estimular-nos com seu exemplo de amor e disciplina no seguimento desta Doutrina que emana de Deus, onde encontramos as chances do trabalho redentor que nos levará aos caminhos certos na pureza do sentimento, envolvendo-nos de amor ao Evangelho de Jesus.

Lélia de Amorim Nogueira

...O ENTENDIMENTO QUE NOS ALERTA...

Flávia Canzi Biondi
Nascimento: 20.06.1970
Desencarne: 06.07.1972
Parentesco: Filha

Em tarde de Autógrafos realizada pelo GRUPO ESPIRITA EMMANUEL, em São Bernardo do Campo, tomei conhecimento através de noticiários, que Francisco Cândido Xavier estaria autografando seus livros.

Apesar de freqüentar esporadicamente algumas reuniões em Centros Espíritas, nunca tive a oportunidade de vê-lo e falar-lhe.

Suscitou-me, então, vontade de conhecê-lo e dirigi-me ao local de autógrafos. Em vista da grande afluência de pessoas, as tarefas adentravam à madrugada. Quando pude cumprimentar Chico Xavier, impressionei-me. Aquele homem tinha o poder de transmitir aos presentes muita serenidade e muito amor, o que presenciava preenchia meu coração de alegria. Fiquei até o final, que se prolongou até as seis horas do dia seguinte.

Depois disso, interessei-me e procurava saber, dentro do meio espírita, onde Chico Xavier daria novas tardes de autógrafos. Algum tempo depois, quando passávamos nossas férias em Santos, minha filha Flavia Canzi Biondi, subitamente, desencarnara em consequência de pneumonia. Ficamos numa situação dolorosa.

Minha esposa, inconformada, sofria muito. Aflito, procurei por todos os meios encontrar algum lenitivo que amenizasse a sua dor.

Uma amiga, a senhora Irene Buzon, convidou Margarida, minha esposa, a tomar alguns passes no Centro Espírita Irmã Clara, onde pode conhecer alguns momentos de paz. Passamos a freqüentar essa casa de oração e, estreitando amizade com o dirigente da mesma, senhor Túlio Agnelli, recebemos seu amável convite para visitar Chico Xavier, pois Túlio mantinha com o médium profundas relações de amizade.

Desse momento em diante, posso dizer, meu íntimo começou a cobrar-me. Margarida, um pouco mais refeita e serena, incentivou-me bastante. Assim, acabamos viajando para Uberaba.

A caminho do Centro, desconhecendo tudo e a todos, escorava-me nas informações de Túlio, pois esse amigo sabia como se desenvolviam aquelas tarefas.

Sem ter qualquer contato com o Chico, já no Centro, fui chamado pelo nome, o que me surpreendeu muito. Estava sendo convidado a fazer parte da mesa.

Minha aflição era tanta, que nem atinei ao chamado. Precisou que viessem buscar-me. Mesmo assim, não tive condições de contatar com Chico.

Uma multidão o rodeava. Na oportunidade, distribuíram-se alimentos aos irmãos carecedores de ajuda. Um canal de televisão fazia reportagem de cobertura.

A reunião continuava. Chico encontrava-se no receituário. Minha ânsia era incontida. Minhas mãos e pernas estavam tremulas. Não sabia o que fazer.

Lejava comigo foto de minha filha e conversava com o seu retrato.

Terminado o receituário, aquele povo todo acercou-se do Chico. Eu achava que não teria possibilidade de falar-lhe. Estava numa condição bem egoísta, querendo resolver somente o meu problema. Uma senhora, freqüentadora daquelas reuniões, dona Yolanda Cezar, percebendo o meu desespero sugeriu-me que apanhasse uma pequena vitrola que estava sobre a mesa e levasse para perto do Chico. Foi assim que consegui aproximar-me dele. Imediatamente, dei-lhe a foto de minha filha e expus alguma coisa, quase nada, pelo meu descontrole e segundo, por todo aquele grande número de pessoas desejoso de ouvir-lhe.

Chico percebeu, olhou-me com muita ternura e enviou um recado confortador no verso da fotografia. Aquelas palavras pareciam mágicas, acalmaram-me e retornei mais tranqüilo. Margarida, ansiosa, esperava-me.

Ao receber a foto com o bilhete, chorava e sorria de felicidade.

Aconteceram outras viagens e, numa delas houve um fato interessante. Um senhor, para minha surpresa, me agradecia pela execução do trabalho de mensagens de seu filho. Chamava-me de Rubens e continuava agradecendo. Estranhei tudo aquilo. Quando terminou, disse-lhe que não era a pessoa que ele pensava. Desculpou-se e voltou para junto de seu pessoal.

Mais tarde tornamos a nos encontrar, mas desta vez, num abraço de felicidade, pois seu filho, ao transmitir sua mensagem, trazia um recado de Flavinha.

Intrigado e curioso, o senhor Wady Abrahão, este é o seu nome, não entendia como podia ter havido aquela confusão conosco. Pediu ao Chico que nos esclarecesse. Este respondeu: *“Wadyzinho estava ao seu lado, juntamente com a filha do Pedro e, quando ele passava, ela vendo-o, foi ao encontro do pai. Seu filho a acompanhou, levando-o consigo”*

Me perdoem, prezados leitores, mas abaixo transcrevo o bilhete de minha filha, que está inserido no contexto do livro “Somos Seis” da Editora GEEM.

“Temos aqui uma companheirinha que nos recomenda transmitir muito carinho e saudade ao papai, nosso irmão Pedro Biondi. É a nossa Flavinha cuja solicitação devo satisfazer, embora sejam muitos os nossos amigos daqui desejosos de se fazerem notados”

Fizemos mais viagens e com a graça de Deus, em 19.09.1975, Flavinha trouxe-me sua mensagem.

Estava conversando com alguns amigos, quando Chico voltava do receituário para a continuidade dos trabalhos. Naquele momento, meu coração calçado na esperança e choroso na saudade, revigorava-se e forçava-me nas preces rogar a Deus a mensagem de minha filha.

Margarida, nos seus afazeres do lar, não pode acompanhar-me. Viajei com o Sr. José Gonçalves. Todos os que acompanham o trabalho maravilhoso da Casa Transitória de São Paulo, sabem de quem falamos.

Dando continuidade às tarefas, Chico psicografava. Quando acabou, o Sr. Weker Batista, que acompanha os trabalhos com Chico, chamou-me para que ouvisse a mensagem. Nesse momento, corria em minhas faces as lágrimas de um pai, que exteriorizava todo o carinho contido no coração inundado de saudade.

Lembrava-me de Margarida. Imaginava a sua felicidade quando lhe chegassem aquelas notas sonoras que vinha aos meus ouvidos como hinos de amor e paz.

Estava perplexo. Flavinha discorria na apresentação de cada familiar, como se estivessem ali, desfilando em passarela. Eram seus avós, suas irmãs, minha mãe que desencarnara em 1950 e amigos outros.

Não sabia como agradecer ao Chico. Abraçava-o num transporte de júbilo imenso. Em vista disso, Margarida fortaleceu-se ainda mais, e eu, por minha vez, compreendi: *“Minha filha está conosco e com mamãe que a amparou no seu desencarne”*.

Hoje, a certeza faz-me levar conforto a outros irmãos que sofrem o que já sofremos.

Sentimos saudade, é lógico. Lembramos os momentos felizes passados juntos e sua imagem está gravada em nossos corações.

Mas acima de tudo, agradecemos a Deus pela dádiva que nos concedeu pelas mãos de Francisco Cândido Xavier.

Esse homem, podemos dizer assim, pois hoje o conhecemos e sabemos de sua modéstia, do seu amor e sua humildade, nos orienta, trouxe para os nossos dias o entendimento que nos alerta, nos clareia a visão para a vida futura.

É Francisco Cândido Xavier, que num programa de Televisão, há algum tempo atrás, cativou, emocionou e deu nova roupagem ao conteúdo às vezes depauperado pela nossa ignorância nos assuntos de Deus.

É a esse médium, que devemos reverenciar neste ano de 1977, com o calor do nosso carinho. Nestas paginas, certamente, você leitor amigo estará tirando suas conclusões com o livre arbítrio que nos foi legado por Deus, de que, quem amou seu semelhante, que trabalhou para seu semelhante e que exemplificou para seu semelhante, nestes 50 anos merece ou não nosso carinho e amizade.

Pedro Biondi

Livro Amor e Luz - Psicografia Chico Xavier

...O FAROL QUE ME ILUMINOU...

Carlos Magno de Tadeu Bassi

Nascimento: 10.07.1960

Desencarne: 30.11.1976

Parentesco: Filho

Cesar meu filho mais velho, voltando de Goiânia onde fora passar algumas semanas na fazenda de seu pai, trouxera um revólver.

Chegando a São Paulo, guardou a arma no guarda-roupa de sua avó. Em 30.11.76, Cesar, como estagiário da Marinha, procurava seu fardamento. Não encontrando seus sapatos, Carlinhos dispôs-se a ajudá-lo na procura. Dirigiu-se ao quarto de sua avó, e ao abrir o armário, viu o par de sapatos e o revólver que Cesar guardara.

Pedi ao irmão se podia mostrá-lo a algumas colegas que ali estavam revisando pontos escolares.

Cesar concordou. Retirou as balas e entregou-lhe. Nesse meio tempo foi barbear-se.

Carlinhos, mostrando a arma para as moças, carregou-a para ver como ficavam as balas no tambor. Feito isso, retirou-as novamente. Infelizmente não percebera que uma delas havia ficado. Começou a brincar.

Apontando o revólver para sua cabeça, pediu à colega para puxar o gatilho, que não tinha perigo. A menina assustou-se com a brincadeira, dizendo:

- Não, Carlinhos, nunca peguei em uma arma, não brinque assim que é perigoso.

Em seguida, sorrindo, tornou a colocar o revólver na cabeça e voltou a dizer:

- Quer vê como não há perigo, está sem balas, e acionou o gatilho. Lamentavelmente a bala ali se encontrava. Cesar ouvindo o tiro, apressadamente tentou socorrê-lo. Colocou-o no sofá, apanhou uma Bíblia que estava perto e pediu ao irmão que rezasse. Carlinhos abriu os olhos, sorriu e tornou a fechá-los.

Cesar ficou transtornado. Traumatizado, não dormia mais. Culpava-se pelo acidente. Precisei também entrar em tratamento médico-hospitalar.

Sem saber como passava meu filho Cesar, internado em outro hospital, roguei ao médico algum esclarecimento sobre seu estado e, por telefone mesmo, a resposta foi: se acreditasse em Deus, que orasse muito.

Com todos esses acontecimentos e a orientação recebida, rezei muito, fazendo novenas, trezenas, etc.

Minha sogra, dizendo ter feito melhor, escreveu a Francisco Cândido Xavier.

Na ocasião do programa Pinga-Fogo, em que Chico Xavier esteve, tinha iniciado alguma leitura de seus livros, onde encontrei muitos ensinamentos. Minha angústia e meu sofrimento eram grandes demais e, não suportando esperar uma resposta, fui procurá-lo através de amigos que tem parentes em Uberaba. Telefonei para a Sra. Maria Peçanha Santos, sogra do Dr. Paulo Misson, que me informasse os dias de atendimento de Chico Xavier, e se haveria possibilidade de consulta. Isto foi numa terça-feira. Queria ir imediatamente.

Recebi como resposta que fosse na sexta-feira, pois os trabalhos do Centro eram só nesse dia. Assim, saí de São Paulo na quinta-feira e hospedei-me em sua casa.

Na sexta-feira, por volta das 16 horas, tomei café reforçado, pois soube que os trabalhos iriam até tarde da noite. Chegando lá, por informações, deixei meu nome para o receituário.

Percebi um número grande de pessoas, uma multidão. Fiquei desesperada com aquilo e pensava que não poderia ser atendida. Sem perceber, estava como se fosse um robô empurrando as pessoas, não me importando se achavam ruim ou não. Queria

desesperadamente falar e ver Chico Xavier. Acabei perdendo todos os meus pertences, tal era minha situação. Só sei que estava com as fotos dos meus filhos uma em cada mão. Mais tarde, vieram entregar-me a sacola perdida.

Chegando perto do Chico, segurei suas mãos e gritei:

- Sr. Chico Xavier, ajude-me. Um filho meu morreu e outro está hospitalizado, com visitas proibidas. Mostrei-lhe as fotos. Depois não me lembro de mais nada. Acordei deitada em uma cama num quartinho ao lado, tomando água e varias pessoas ao meu redor orando. Havia desmaiado. Fiquei repousando um pouco mais. Levantei-me e, estando mais segura, juntei-me às pessoas que aguardavam o receituário no salão. Meu estado de saúde não estava nada bom. Precisava usar o recurso de bomba de ar para poder respirar.

Algumas pessoas, penalizadas com o meu estado, achavam imprudência ter viajado, mas não importava, queria mesmo era falar com Chico Xavier.

Terminando o receituário, sentou-se à cabeceira da mesa, tudo para mim era novidade; estranhei aquele monte de lápis, aqueles papéis todos e devagarinho fui tentando chegar-me a ele.

Concentrado, começou a escrever. Junto dele, olhava a escrita; a primeira pagina não entendi, mas com o desenrolar e a seqüência do assunto, fui observando que aquela mensagem estava sendo para mim. Fiquei tão emocionada que gritava, tremia, rezava, fazia tudo ao mesmo tempo.

No final li *"mamãe perdoe seu filho Carlinhos"*. Passei a gritar que nada tinha a perdoar mas abençoá-lo.

Uma das moças presentes lia a mensagem através de pequeno alto falante, deixando a multidão em grande tensão; uns estavam totalmente atentos, outros choravam, outros abraçavam-me chorando comigo, chamando-me de heroína por ter um filho anjo. Tudo aquilo chegava aos meus ouvidos sem que tomasse consciência, pois estava atenta demais à mensagem que, como remédio abençoado, chegava aos meus ouvidos.

Apesar da dor que sentia, aquele felicidade parecia como se tivesse algo sublime, singelo, que não encontro palavras para descrever.

Quando Chico entregou-me a mensagem, descontrolei-me, e abraçando aquele original contra o peito, gritava desesperadamente chamando pelo meu filho.

Depois de terminado o trabalho, retirei-me eram tantas as ofertas de condução para São Paulo, daqueles corações bondosos! Agradecendo-os, despedi-me.

De volta à casa onde estava hospedada, não encontrei ninguém: estavam todos na vizinha, numa festinha que ali se realizava. Dirigi-me para lá, contando o que havia acontecido. Uma senhora, lendo as paginas psicografadas, teve uma crise de choro, pois disse nunca ter sentido tanto uma mensagem como aquela trazida pelo Chico. Achou-a demais singela. A dona da casa também se pronunciou e, apesar de professar outra doutrina, comentou:

- *"Com esta mensagem é para se acreditar no Espiritismo."*

Esta mensagem trouxe-me muita pás. Mostrou-me que o espírito existe mesmo. Os assuntos lá contidos são coisas nunca vistas, se bem que só a assinatura do meu filho é o suficiente para pô-lo a qualquer prova. Comparando-a com as cartinhas que tenho dele, da sua infância escolar, até o final de suas cartas que ficavam sempre sem espaço para a assinatura, está igualzinho.

Depois que recorri ao Chico e recebi, graças a Deus, a mensagem, a minha doença amenizou. Tomei novo impulso e comecei a ver outros horizontes clareando-me o caminho, tranquilizando-me, tendo forças para seguir adiante, trabalhando para poder dar condições de amor e carinho aos meus demais filhos.

Chico foi o farol que me iluminou para os dias que advirão e, com certeza, estas minhas palavras estão servindo ainda mais de estímulo para mim mesma, pois cada vez que sou solicitada ao assunto, apesar da saudade, encontro forças suficientes para dizer que Carlinhos não morreu, que está no aprendizado divino, que no amanhã estará levando sua mensagem de amor e paz a outros corações que estarão na mesma situação em que me encontrei. Que Deus possa dar tranqüilidade a todos os seres em dificuldade como essa que acabei de relatar.

Aproveito a oportunidade para agradecer a Deus por me ter concedido a graça de conhecer Francisco Cândido Xavier.

Desejo de coração aos que ainda não conhecem a Doutrina Espírita, sem intenção de converter a ninguém, que procurem ler, procurem conhecer, para dissipar de seus corações as dúvidas infundidas por pessoas, ou melhor, por irmãos que a desconhecem.

Nossa responsabilidade no falar está intrinsecamente relacionada com a responsabilidade no pensar. Devemos falar sobre o que conhecemos. O que desconhecemos devemos procurar conhecer. Kardec está nos livros e Chico está em pessoa.

Maria Luiza Vieira

Livro Amor e Luz - Psicografia Chico Xavier

...O AMIGO DE TODOS...

Anatilde Martins Freitas Bitencourt

Nascimento: 07.01.1942

Desencarne: 13.07.1974

Parentesco: Filha

Em 1940 conheci Chico Xavier através dos noticiários de jornais, de livros e de algumas revistas. Passei a interessar-me por tudo que se relacionava com ele. A Doutrina despertou-me nesse tempo. Lia muito o Reformador, editado pela Federação Espírita Brasileira, onde publicavam muita coisa do Chico.

No ai e vem da vida, em 1947, achei-me doente e, de passagem por Ribeirão Preto, encontrei-me com um amigo muito chegado, Juventino de Paula. Percebendo meu estado de saúde, impressionou-se e recomendou-me que escrevesse ao Chico, enviando somente nome, endereço e idade.

Na prescrição medica constava uma ulcera, me abatia de tal maneira que não tinha mais roupa que servisse em meu corpo.

Desanimado com o meu problema, resolvi enviar e pedir uma receita, não acreditando na sua resposta. Para minha surpresa, 15 dias depois recebi-a com a indicação do tratamento. Imediatamente o iniciei e, dias após, senti uma melhora muito grande. Gradativamente, fui melhorando até ficar bom.

Curioso, quis saber como pude obter uma melhora quase imediata. Querendo agradecer-lhe por aquela caridade prestada, enviei-lhe uma carta. Dessa data em diante mantivemos correspondência. Recebi, igualmente, vários convites para visitá-lo. Em 1953 tive a satisfação de conhecê-lo pessoalmente. Isto foi em Pedro Leopoldo. Fui direto ao Centro Luiz Gonzaga. Apresentei-me com muita alegria e abraços, após longa conversa, convidou-me para o dia seguinte irmos à Fazenda Modelo, onde trabalhava. Seu chefe nessa ocasião era o Dr. Darwin Resende Alvim, o qual nos deixou à vontade para passearmos em toda fazenda na companhia do Chico.

As noite tivemos novo encontro na peregrinação . no domingo, aproveitou para uma reunião em sua casa. Nessa reunião tomavam parte Djalvo Braga, Alberto Ferrante Filho e um senhor de nome Andrade, gerente do Banco Comercial, acompanhado de sua família. Sentei-me ao lado de Djalvo Braga; ele amanhecera atacado das amígdalas. Na hora do passe, Chico mediunizado pelo espírito da Sheila, orientou Djalvo no tratamento. Assim, viemos saber que Djalvo estava com problemas na garganta.

Aplicando o passe, Sheila dialogava com as pessoas, uma por uma, que a consultavam expondo suas necessidades.

Chegou a minha vez e, dada a emoção, fiquei sem expressão e não tive condição de pedir nada. Depois que Sheila passou, pude então perceber que havia perdido uma grande oportunidade; poderia ao menos pedir para minha companheira e filhos que estavam distantes. Terminado o passe, Sheila voltou-se a mim e disse: *"Irmão Aristóclides, seu pedido foi atendido. Sua companheira e filhos estão tranquilos e aqui se acha presente o espírito de Maria Presença, que diz ser sua avó e muito lhe tem ajudado na sua missão."* Minha avó desencarnou em 13.09.1930, quando eu tinha 14 anos.

Minha impressão ao ver o Chico pela primeira vez, não sei se devido à amizade ou por ter presenciado o que acima expus, foi de grande emoção. Ao regressar em casa, comentei tudo aquilo que havia presenciado e como eram as coisas em Pedro Leopoldo. Minha esposa disse-me que estava compreendendo o que havia acontecido. Às 9 horas do domingo, quando fazia as crianças dormir, percebeu um barulho e um clarão que lhe chamou a atenção. Ficou muito impressionada. Como eu estava viajando, acreditou que tinha sido aviso de algum problema.

Em Uberaba, no Hospital do Pênfigo, em outra oportunidade fomos fazer uma visita aos doentes dessa casa de saúde. Chico nos acompanhou. Reunidos, o ambiente perfumou-se todo. Notamos então a presença de Sheila. Observamos algumas crianças que entraram em formação como se fosse um coral. Recitaram uma poesia de

Auta de Souza. A que estava mais doentinha adiantou-se um pouco, e recitando, fazia a primeira voz.

Ao os despedirmos, minha esposa ficou em lagrimas com a atitude do Chico. Dizia ela às crianças:

“Vocês, vendo uma roseira muito carregada de rosas bem bonitas, de flores lindas, qual a que vocês pegariam?”

Elas responderam: A mais bonita de todas.

Despedindo-se ele falou:

“Vou beijar a Marly porque ela é a rosa mais bonita, no meio de todas essas flores lindas”.

Beijou-lhe o rosto e saímos.

Fizemos ainda muitas viagens; a ultima foi em 05.03.1977. com muitas saudades, resolvemos visitá-lo. Quando chegamos em Uberaba, às 14:30 mais ou menos, fui à sua casa. Uma senhora convidou-me a entrar, dizendo que Chico nos esperava. ele não sabia dessa minha viagem. Entrei, cumprimentei-o e esclareci que estava de passagem rápida. Somente para visitá-lo. Mesmo assim, convidou-me para os trabalhos da noite.

Fui ao culto à tarde e em seguida ao Grupo Espírita da Prece. Quando os trabalhos iniciaram. Chico psicografou e em seguida anunciaram meu nome e o de minha esposa, para que nos aproximássemos da mesa para ouvir a mensagem que nossa filha trazia.

À medida que discorria a leitura, novos assuntos que desconhecia totalmente e que estavam dentro dos problemas de minha filha e familiares. Só agora é que viemos tomar conhecimento. A relação dos nomes de meus filhos, de meu genro, os espíritos de mamãe, vó Cândida, Maria Presença e a vovó Floripes, mãe de minha senhora. A lembrança de minha filha, que agradecêssemos ao Dr. Marcelo e Dra. Marlene, médicos em Ribeirão Preto, que trataram da enfermidade de Anátide.

Antes da mensagem de minha filha, havia recebido outras de meus familiares, e também uma do Dr. Urbano de Brito, que desencarnou em Barretos, vítima de um desastre de aviação, quando o avião projetou-se ao solo, no meio do cemitério. Achei interessante o Chico nos perguntar se conhecíamos o referido doutor, e descreveu-nos o que acima relatei. Nesse dia estava em minha companhia o Doutor Gamaliel Ferreira. Na volta fomos nos informar com o seu pai, que conheceu o Dr. Urbano de Brito, confirmando o acontecido. Só sei, gente, sinto uma honra muito grande em aliar-me a essa Editora neste trabalho de divulgação, porque Chico para nós que ainda caminhamos no dia a dia das necessidades, é uma força a nos estimular, é exemplo, é o amigo de todos os momentos em quem podemos confiar.

Representa, dentro do seu esforço pessoal e no seu modo de vida, o Evangelho que estende a todos na conduta do seu trabalho, dentro da compreensão e do amor cristão.

Aristóclides Martins Freitas

...A MÃO QUE CONSOLA...

William Machado Figueiredo

Nascimento: 04.04.1925

Desencarne: 25.09.1941

Parentesco: Filho

Meu pai era Encarregado Geral da Companhia Industrial de Belo Horizonte e, por motivos profissionais foi como gerente para a fabrica em Pedro Leopoldo, onde veio a falecer, quando já havia cumprido seu compromisso. Acompanhou-o meu irmão José Flaviano Machado, para ajudá-lo. Com isso, conheceram bem de perto Francisco Cândido Xavier. José esteve ao lado de Chico trinta e cinco anos, deixando-o pelo seu desencarne.

Lembro-me como se fosse hoje, quando vi Chico pela primeira vez. Foi em casa de Papai. Ainda meninote, cantarolava, acompanhando na viola por seu pai João Cândido Xavier. Aquela cena agradou-me bastante. Fiquei muito feliz.

Eu e os demais familiares ficamos residindo em Belo Horizonte. Papai e José vinham juntar-se a nós nos fins de semana. Ofereciam-nos, também, a oportunidade de estarmos sempre em Pedro Leopoldo.

O tempo passou. Chico cresceu e, com a graça de Deus, sua mediunidade cresceu junto. Desenvolveu-se, lutou muito, mas nunca perdeu a serenidade, a simplicidade e o carinho, que lhe são peculiares.

As reuniões do Centro Espírita Luiz Gonzaga iniciavam-se. Aí buscávamos o lenitivo para nossas dores e os primeiros conhecimentos à luz da Doutrina Espírita. Foi um começo difícil.

As primeiras reuniões que assisti em Pedro Leopoldo, eram em casa da viúva de José Xavier, irmão mais velho de Chico. Depois do seu desencarne, foi fundado o Centro Espírita Luiz Gonzaga.

Naquela época, o mundo não conhecia o valor do Chico Xavier. Poucos sabiam de sua existência.

No Centro, as reuniões eram presididas pelo Dr. Rômulo Jovino, que foi o primeiro diretor da Fazenda Modelo, onde Chico trabalhou muitos anos. Às vezes, nessas reuniões, nem havia numero suficiente de pessoas para formar a mesa. Frequentava as reuniões das segundas-feiras. Estava muito feliz.

Como não podemos fugir do nosso carma, entrei num período de grandes provações. Meu esposo me animava muito, com muitos problemas a surgirem, comecei a desesperar-me em 1934, recebi pela primeira vez uma mensagem de um espírito familiar. Tratava-se de uma tia, que me trouxe palavras de renovação, animando-me, demonstrando a necessidade do cultivo da humildade e alicerçando minha fé.

Em Belo Horizonte, eu frequentava as reuniões em casa do Sr. Hermínio Perácio e casualmente, vindo de Pedro Leopoldo, Chico participou da reunião, durante a qual transmitiu-me este recado:

"Adélia, há um espírito que está transmitindo a você esta mensagem."

Respondi-lhe: - Não estou percebendo nada. Por favor, receba-a para mim.

- *"Adélia, quero ler contigo, minha querida irmã, o livro da paciência e resignação".*

O conforto veio nas linhas trazidas pela sua psicografia. Na assinatura, pude saber tratar-se do espírito de tia Margarida, a quem amava muito desde os tempos de minha infância. Outras mensagens recebi de tia.

Procurava viver da melhor maneira possível, trabalhando, até que veio a dor maior, o desencarne do meu filho, em 25 de setembro de 1941. O meu filho William adoecera em consequência de um calo infeccionado, quando pretendia tirar sua carteira de reservista na companhia Quadros. Com o choque fui para a casa de papai em Pedro Leopoldo.

Apesar de toda a minha fé, estava completamente abatida, como se o mundo tivesse acabado. Como Deus é Suprema Bondade e não esquece de seus filhos, entra papai em meu quarto. Pergunta-me se adivinharia quem estava me visitando.

Sem muito interesse, respondi-lhe: - Quem?

E ele fez entrar Chico Xavier.

Pedi-me que lhe arranjasse papel e lápis.

Depois de trocarmos algumas palavras, concentramo-nos em preces. Começou a psicografar.

Em dado momento, parou como se estivesse uma pessoa dirigindo sua mão como no principio do aprendizado da escrita. Terminou.

Não deixei que falasse. Tinha certeza que se tratava de William. Era dois de novembro de 1942.

Essa mensagem trouxe um alívio muito grande; devolveu-me à vontade de viver. Fiquei muito feliz. Quando em determinado trecho ele dizia:

- *"Com que prazer grafo estas palavras em seu caderninho. Creia, mamãe, a vida é muito mais bela do que podemos idealizar..."*, reviveu-me sua imagem, marcou demais.

O caderno a que se referia, havia sido presente de meu marido para que registrasse todas as mensagens de tia Margarida. E certo dia, necessitando de um caderno para o colégio, quis levá-lo e não deixei, fornecendo-lhe o dinheiro para a aquisição de outro.

São tantas as coisas lindas que Chico nos trouxe que não dá para enumerá-las.

Apenas dois casos bem pequenos que foram importantes e acho que vale a pena contar.

"Estava em uma das dependências de minha casa, quando senti-me muito mal. Perdi todos os movimentos psicomotores do corpo.

Lúcida e com todos os sentidos, achava que aquilo era o meu fim no corpo. Pensava: "Meu Deus, se isto é a morte, que bom a gente morrer." Repetia isso muitas vezes. Minha filha, assustada, saiu à procura de um médico.

Depois de algum tempo, voltei. Fiquei triste. Estava achando tudo aquilo muito bom. Isto aconteceu comigo num fim de semana.

Na segunda-feira, fui à reunião do Centro. Muito surpresa ouvi de Chico estas palavras:

"Adélia, o que aconteceu?".

William veio me falar que passou um grande aperto; você despreendeu-se do corpo, e não queria voltar de forma alguma, tendo que lutar muito pelo seu retorno"

Uma outra vez, estava aflita pelo desaparecimento de um dos meus filhos.

Reunimo-nos às quintas-feiras na casa de uma companheira. Durante o trabalho, perguntei ao guia espiritual se poderia dar-me alguma informação de meu filho.

Em resposta à minha pergunta, pediu que não me afligisse, pois teria notícias dele mais rápido que pudesse imaginar.

Dirigindo-me a Pedro Leopoldo como de costume, encontrei Chico que visitava seus familiares, saindo de casa com seus amigos de São Paulo.

Depois das apresentações disse:

- *"Adélia, sabe quem esteve comigo em Uberaba? Seu filho".*

Muito surpreendida, respondi: - *"Deveras, Chico, como você o viu?"*.

- *"Com o temperamento alegre que ele tem. Apresentei-o aos amigos e todos gostaram muito dele".*

No dia seguinte, meu filho chegou em casa.

Para mim, Chico Xavier é o missionário da Terceira Revelação, trazendo-nos ensinamentos profundos através das mensagens e livros ditados pelos Irmãos Maiores.

Como disse Jesus: *"Não vim trazer a paz, mas a divisão"* – capítulo XXIII de O Evangelho Segundo o Espiritismo.

No meu entender, observamos daí que em toda família nem sempre podemos querer que todos tenham a mesma formação religiosa.

Aí está o ensinamento de Jesus, demonstrando-nos que devemos seguir dentro das nossas afinidade e encontrar a paz por nós mesmos. Por isso, apraz-me dizer, Francisco Cândido Xavier é o exemplo traduzido em nossa união de respeito ao seu trabalho e pessoa.

Aliando por estas linhas o meu testemunho informal a outros de semelhantes aspectos na dor e na alegria, na tristeza e na felicidade, com a permissão dos caros leitores, gostaria de juntar a este volume que marcará o ano de 1977, como o do cinqüentenário da mediunidade de Francisco cândido Xavier, a presença de uma das mensagens de meu filho William, onde poderemos perceber que a mão que a trouxe, através dos anos de trabalho e amor, nos mostrará sempre a verdade que consola os corações aflitos, hoje, amanhã e sempre.

Deus te abençoe, Francisco Candido Xavier.

Adélia Machado Figueiredo

Livro Amor e Luz - Psicografia Chico Xavier

...JESUS NÃO ESQUECE O MARTÍRIO DAS MÃES, PORQUE ELE TAMBÉM CONTEMPLA A DELE DO ALTO DA CRUZ,...

Mamãe, pelo a senhora que me abençoe com o grande amor de todos os dias.

Um ano passou sobre nossa separação.

A senhora e eu choramos tanto.

Este céu de chuva dá idéia do pranto que nós dois temos vertido, mas repito, ao seu carinho a solicitação de coragem.

Neste primeiro ano de nossa batalha de saudade, a senhora ainda tem sido minha enfermeira santa, porém, os papeis ficaram trocados.

Naqueles dias de sofrimento físico, sua palavra me animava, me encorajava, me refazia, depois, quando eu vim para cá, a senhora ficou tão triste, tão desalentada e eu, embora doente de espírito, fui obrigado a tomar o papel de quem consola e reconforta.

Muitos poderão passar despercebidos de nossa dor.

É tão fácil passar ao lado de um tumulto que nos seja indiferente!

Mas nós, mamãe, entendemos-nos mutuamente. Entendemo-nos e isto basta.

Há situações onde a palavra falada ou escrita é inexpressiva e incapaz.

Entretanto, sou o primeiro a reconhecer que precisamos renovar atitudes no caminho de redenção.

Ajude-me com seu espírito valoroso e fiel.

Auxilie-me a secar também a fonte das lágrimas e sepulte no mais íntimo do coração as lembranças amargas.

Aqui os espíritos benfeitores me recomendam incessantemente lhe fale que a morte é ilusão e que a vida é a única realidade.

Pense, medite que estou pleno de vigor.

Idealize-me a seu lado, sem doença, sem cansaço, sem desânimo. Isto me auxiliará imensamente.

Estou amparado, tenho as minhas necessidades atendidas.

Há quem cuide de mim que me entende mãos fraternas.

Tenho estado quase feliz. Mas eu mesmo, aí na terra, não sabia que amava tanto. Depois é que descobri este manancial, que andava oculto em minh'alma. E o amor é o nosso tesouro.

...Com que prazer grafo estas palavras em seu caderninho!

Creia, mamãe, que a vida é muito mais bela do que possamos imaginar, que a esperança deve subir além da morte, para lá das próprias estrelas!

Tudo é vida e quando a fé nos revela Deus, como tudo se modifica!

Não, não se mantenha num círculo de amargura.

Quando alegrar-se lembre-se de que está contentando a seu filhinho.

Estarei com a senhora em todos os minutos de paz e contentamento. Sua fortaleza ainda é meu remédio. A senhora não teria coragem de me negar qualquer sacrifício para alívio de meu coração. Não desanime pois. A transição da morte é mudança de cena, mas o ambiente da vida é o mesmo.

Quando ora, medita, aproximo-me sempre ansioso de fazê-la sentir meu restabelecimento, minha vontade de cooperar na sua paz.

Às vezes, contudo, sua mente lembra-me nos dias de enfermidade, de dor, de expectativa dolorosa e continuo sentir inquietações novas que tentam voltar.

Recorde o seu William dos 15 anos, seu William quase soldado que se passou a outra vida e aproveitará a nova fase para saber defendê-la melhor.

Os inimigos existem e quem não os terá?

O próprio Jesus ainda trabalhava para que os adversários de sua luz não lhe avassalem as Obras Divinas.

Seríamos nós, falidos de outras eras, devedores de Deus e dos homens que passaríamos incólumes? Não.

Consolemo-nos, certos de que o Pai nunca nos negou sua bênção de infinita bondade.

Até eu mesmo, nos primeiros dias, andava indeciso ignorando como explicar a mim mesmo o porque do desprendimento doloroso. Mais tarde mostraram-me um quadro expressivo em que eu e a senhora depois de menosprezar o ideal sublime de um irmão, afastando-o das lutas humanas, inculpamos a outros do gesto delituoso que nos ensombrava a consciência. Ai! A culpa! A culpa! E hoje, sem sermos culpados de sofrimentos que beneficiam, a senhora e eu temos andado com essas idéias de culpa, sem razão de ser.

É que essa dor vem de mais longe, mas, Deus que é tão bom permitiu que eu lhe trouxesse à alma carinhosa essas afirmativas de consolação. Isso significa debito liquidado.

Jesus não esquece o martírio das amas, porque Ele também contemplou a Dele do alto da Cruz, entre a aflição e o padecimento.

Acaso não bastará a senhora o resgate pesado de cada dia no lar que tantas aureolas de espinho lhe traz ao coração?

Não bastará esta luta tremenda, mamãe, em que a senhora se levanta com a incerteza para dormir com a súplica?

Pense nisso e esqueça a idéia de culpa.

A fé anestesia o coração cansado.

Entregue-se a ela totalmente para nos encontrarmos aqui, embora continue a senhora no posto de amor e renuncia ao lado do papai e dos irmãos.

Tudo passa da terra e eu estou vivo, esperando-a. Foi melhor que eu viesse, porque deste modo estarei auxiliando-a diariamente, na medida de minhas forças.

As reuniões evangélicas lá em casa tem sido muito úteis. Ajudam-nos a todos e nelas tenho encontrado caricioso bálsamo ao coração.

E agora que lembramos o primeiro ano de minha vinda, creia que seu filho está muito esperançoso.

Não tema as nuvens. Quando caírem hão de ser transformadas em chuva benéfica.

Atravesse espinhos, pedras, sorva os tragos de fel indispensáveis à experiência, não receie a mágoa, a necessidade, o sofrimento.

Aqui é que vemos o valor dessas cousas e observamos na luta um tesouro de possibilidades sem fim... Seu filho está presente.

Quando estiver cansada serei seu bastão de arrimo e Jesus será o bastão de nós dois.

Minhas lembranças para os meninos e papai.

E rogando a Deus conceda à senhora as luzes do céu para nunca desanimar na nossa subida para a redenção, beija as suas mãos com muito carinho e com muito e muito amor, o seu

William

...O ESTIMULO DO TRABALHO CONSTANTE...

Sergio Roberto Decenço
Nascimento: 11.02.1949
Desencarne: 10.01.1969
Parentesco: filho

Uma pessoa amiga, mas no momento de minha dor, com o desencarne de meu filho Sergio, emprestou-me um livro espírita "Perda de Entes Queridos", de Zilda Giunchetti Rosin, e o seu conteúdo trouxe-me um pouco de paz.

No conforto da leitura e das pessoas amigas que me traziam a consolação daqueles momentos de tristeza, comentava-se alguma coisa sobre Francisco Cândido Xavier. Constrangida como estava, sofredora, num desequilíbrio total, onde o calmante é o senhor dos nossos movimentos, fui embora em busca de Chico Xavier, confiante que receberia palavras que me confortariam. Esta viagem a Uberaba foi um presente de meu marido pela passagem de meu aniversário. Estava felicíssima.

Não sabia como fazer, não tinha nenhum conhecimento da Doutrina Espírita, de sua essência. Professava outra religião. Já no Centro e dentro das disciplinas em que se processam as tarefas no atendimento às pessoas, pacientemente aguardei na fila. Nessa viagem foi em nossa companhia a Sra. Brasilina Morello damasceno, cujo filho desencarnara no mesmo acidente automobilístico. Estava juntos.

Enquanto esperava, observava o trato que ele dispensava a todos que ali estavam. Percebia que realmente receberia aquilo que fui buscar, as palavras que me confortariam. Ao nos encontrarmos, dispunha de pouco tempo para relatar o que se passara comigo. O numero de pessoas para serem atendidas era muito grande. Falei rapidamente. Pediu-me que colocasse o nome de Sergio e a data do seu desencarne num papel. Depois de algum tempo, chegou o bilhete do Dr. Bezerra de Menezes. Dizia, assim que fosse possível, seria dada a noticia desejada. Fomos embora na sexta-feira mesmo. Um pouco mais consolada, mas desejosa de uma noticia.

Na terceira vez que estive em Uberaba, 18 meses após o desencarne de Sergio é que recebi sua mensagem. Quando Chico começou a ler e mencionou a data de 10 de janeiro, sobressaltei-me, mas procurei controlar-me. Tinha a certeza de que era para mim.

Aliás, aconteceu um fato interessante. Na quinta-feira, estando em Jaboticabal nos trabalhos de nosso Centro, recebi através de uma médium amiga, Filomena Verni, a palavra de Drausio, filho da Sra. Zilda Giunchetti Rosin. Dizia que Sergio estava bem e freqüentava um grupo de jovens na espiritualidade. Que eu ficasse despreocupada. Assim que fosse possível, daria noticias de meu filho. Agradeceu as preces que eu lhe dirigia e dizia que as recebia como se fossem preces de uma mãe para um filho.

Confortou-me muito, pois só eu sabia das preces. Quando se comunicava, chamava-me de mãezinha, confundindo-me. Pensava que fosse Sergio. Identifiquei-o depois, como Dráusio.

No dia seguinte cedo, recebi telefonema da Sra. Yolanda Cezar convidando-me para irmos a Uberaba. Voltaríamos no domingo. Aceitei muito feliz. Marcamos para que me apanhasse em Ribeirão Preto. Conheci essa senhora na segunda vez que estive em Uberaba. Todas as vezes que lá estive, viajava na sexta-feira e voltava no mesmo dia. Esta foi à primeira vez que fiquei para a reunião de sábado. Foi minha felicidade. Nesse dia Sergio trouxe a mensagem.

Ainda impressionada com a quinta-feira e, para ter certeza se era mesmo Dráusio que havia estado lá, pedi em preces que mandasse algum recado e escrevesse algumas linhas. Qual não foi minha surpresa quando percebi que a mensagem era para

mim. Sergio agradecia a gentileza de dono Yolanda Cezar por ter me convidado e o Drausio confirmava sua presença através da palavra de Chico. Estava ali ajudando Sergio a comunicar-se.

Eu nada dissera ao Chico do que acontecera, pediu-me que contasse à dona Zilda sobre o ocorrido.

Realmente, essa mensagem impressionou-me bastante, pois pouca coisa dissera ao Chico sobre meu filho. Tudo ele veio a saber pelo próprio relato de Sergio.

Depois que o conheci, passei a freqüentar em Jaboticabal, o Centro espírita Dr. João Fernandes. Foi aí que tomei conhecimento dos princípios básicos da doutrina de Kardec. Posteriormente com minhas viagens a Uberaba, passei a conhecer melhor as dificuldades das pessoas que, como eu, buscavam o lenitivo para seus problemas. Isso ajudou-me a compreender melhor as minhas dificuldades e necessidades. Comecei a encontrar muito conforto. A mensagem solidificou minha crença. Transportou meu filho como se estivesse sempre ao meu lado.

Dentro do meu sentimento, considero que meu filho não morreu, está dando continuidade a trabalhos de maior importância no plano espiritual que ele mesmo mostrou-me. Estaria estudando e trabalhando cada vez mais para seu aprimoramento e evolução.

Portanto, quando me perguntam quantos filhos tenho, respondo tranqüilamente: *"Dois, uma filha comigo na Terra e um filho na Escola Divina"*.

Deus está conosco e nossos filhos também.

Passei a observar o Chico como pessoa humana que é, mas ressaltando que dentro do meu tempo de vida nunca vi uma criatura que nos desse tanto carinho, atenção, considerando a época que atravessamos, cheia de dificuldades, conflitos e desencontros.

Chico representa o estímulo do trabalho constante, incentivando-nos cada vez mais a colocar em prática os ensinamentos por ele recebidos, através dos Irmãos Maiores que representam os emissários de Jesus, concitando-nos a cultivar a humildade, a paciência, a renúncia e o amor ao próximo. Nós espíritas e demais familiares, em grande número católicos, agradecemos muito o conforto que recebemos, guardando grande respeito pelo seu trabalho e simpatia por sua pessoa.

Alice Teresa Dias Decenço

DEIXE-O CONOSCO...

Lucio Lincoln de Paiva
Nascimento: 06.07.1933
Desencarne: 25.12.1974
Parentesco: Esposo

Se é que posso considerar-me espírita, desde os quinze anos tive algum conhecimento do assunto, dadas as circunstâncias que envolveram-me.

Tinha uma amiga e namorada de meu irmão que, naquela época, também contava quinze anos e que por razões sentimentais foi levada ao suicídio.

Em nosso convívio tínhamos afinidades recíprocas muito grande e, naquela mentalidade de criança, fizemos um pacto: aquela que morresse primeiro, viria buscar a outra.

Traumatizada com o seu passamento e devido ao acordo, fiquei atemorizada esperando a morte a qualquer momento. Passado certo tempo, sonhei que ela viera buscar-me. Nessa ocasião namoriscava um rapaz que era espírita. Recebia vários convites de seus pais para que fosse ao centro espírita que freqüentavam. Algumas vezes acedi ao convite. Isso passou-se três anos após o seu desencarne. O sonho foi assim:

- *"Via-me subindo uma rua, quando percebi que minha amiga descia em minha direção. Delicada, graciosa, muito jeitosa, exatamente como era quando encarnada. Usava a mesma roupa do dia de sua partida."*

Frente a frente, perguntou-me pelo meu irmão.

Respondi-lhe que ele estava no consultório de outro irmão. Na realidade ele estava em companhia de sua atual esposa.

- *"Você está mentindo. Ele está com outra"*. Foram as suas palavras. Voltou-se uns dez passos e num gesto apontou-me e continuou: - *"Não vim à procura de seu irmão, vim buscá-la. Não se lembra do nosso pacto? Está na hora, vamos!"*

Eu tremia sem saber o que fazer, apavoradíssima. Nesse momento chegaram a mãe e a irmã do rapaz que eu namorava. A senhora percebeu o que se passava. Sua filha perguntou-lhe porque ela não via moça e nós sim. A mãe carinhosamente, esclareceu-a:

- *Minha filha, isto se dá com pessoas que tem mediunidade de vidência, portanto, quem não tem não vê.*

Dirigiu-se depois à minha amiga explicou-lhe que ali não era seu lugar e sim no alpendre da sua casa. Ela aceitou e começou ir embora, mas, antes queria que eu lhe desse um abraço. Mais calma, aceitei. Quando dirigia-me para abraçá-la, pediu-me que não fizesse, dizendo-me: *"Não Edine, não me abrace, eu sou morta!"* nisso a senhora levou-me para casa e quando cheguei à porta, vi-a acenando para mim.

Esse sonho preocupou-me muito.

Algum tempo depois, freqüentando os trabalhos da Doutrina Espírita, desenvolvi a mediunidade da vidência.

Este relato foi apenas para mostrar aos caros leitores como me encontrei na doutrina. Passado muito tempo, conheci Francisco Cândido Xavier, quando Lucio Lincoln de Paiva, meu marido, fez-lhe um convite para participar de uma conferência em nossa Assembléia Goiana.

Na oportunidade, numa rápida passagem por nossa casa e para meu registro, exalou um perfume tão suave, acompanhado de ter, que perfumou todo o ambiente de meu lar.

Quando da morte de Lucio, apesar de ser espírita, desesperiei-me chegando mesmo a pensar seriamente em suicídio. Não entendia o porque daquela provação. Achava injusta a passagem de Lucio.

O tempo passava e eu cada vez mais desesperada. Meu marido era demais apegado a vida. Fiquei imaginando como ele estaria do outro lado. Sentia vontade de procurar Chico Xavier, pois tinha certeza de que em sua presença receberia uma mensagem reconfortante.

Certo dia, recebo a visita de Chico em minha residência. Demorou-se mais que da primeira vez. Nessa oportunidade recebi uma mensagem do Dr. Bezerra de Menezes, explicando que o Lucio ainda não estava em condições de trazer mensagem. Cursava a escola do espaço e que tão-logo se restabelecesse, escreveria.

Apesar desse recado confortador, continuei na expectativa, pois grande era a minha ansiedade. Passei então a visitar o Chico em Uberaba.

Para minha felicidade, na primeira viagem enquanto aguardava o andamento dos trabalhos, vi quando Lucio adentrou o ambiente. Estava amparado por um senhor que eu desconhecia e que posteriormente foi identificado pela mensagem como Dr. Bezerra de Menezes. Esta identidade, aliás, foi depois confirmada através de uma foto que me veio às mãos.

Já muito emocionada com aquela visão, não agüentei quando Chico recebeu sua mensagem. Chorei muito. O público ali presente ficou impressionado em presenciar a profundidade e o número de paginas psicografadas, totalizando 94 laudas.

Lucio tinha o dom da oratória e gostava muito de escrever. Acredito que foi o motivo pelo qual o Chico sofreu todo esse tempo de hora e meia, para trazer a mensagem.

Quando ele começou a ler, cada frase, cada vocábulo identificavam fielmente o Lucio. As palavras “*célere*” e “*burilados*” eram-lhe muito familiares. Usava-as com freqüência. Outro ponto que emocionou-me ainda mais, foi quando Chico leu: “...o essencial, no entanto, querida é que vim para dizer que ouvi tudo o que seu carinho me falou diante do retrato que a sua dedicação transformou em altar do nosso encontro quase permanente...” Eu conversava com seu retrato.

Outras impressões mais, como nomes de pessoas, foram tantas que é impossível o Chico ter conhecido todas. Os lugares em que Lucio andou no curso do seu trabalho, foi tudo relatado. E o Chico não acompanhou-o. Os nomes de todos os nossos filhos, a madre Otavia, que eu e nem Lucio conhecíamos e o final da mensagem veio exatamente como ele costumava me escrever, sem contar à assinatura que estava perfeitamente igual.

Depois disso, senti-me completamente reabilitada, conformada.

Tive a convicção de que Lucio estava bem. Criei novas forças. Sei que estamos lutando juntos novamente. No dia da recepção da mensagem, recebi um passe do Chico. No momento da concentração, senti novamente aquele perfume suave, que reanimou-me mais ainda, física e espiritualmente.

Em vista de todos esses acontecimentos, já admirava o Chico pela sua humildade, pela paciência que sempre teve com todos os que o procuram e, essa admiração cresceu para mim, pelo muito que ele me proporcionou.

Para Chico, devemos simplesmente rogar a Deus: “*Deixe-o conosco*”.

Após o recebimento da mensagem, meus familiares, apesar de não serem espíritas, nutrem pelo Chico grande respeito pois tiveram a oportunidade de presenciar coisas que não entendiam.

Para finalizar: “*Muito obrigado Chico, pelos 50 anos de amor, trabalho e carinho*”.

Ediné Almeida Silva de Paiva

...DEUS LHE PAGUE...

Gastão Henrique Gregoris
Nascimento: 01.03.1928
Desencarne: 28.08.1964
Parentesco: Esposo

Henrique Emanuel Gregoris
Nascimento: 07.7.1952
Desencarne: 10.02.1976
Parentesco: Filho

Quando criança, ouvia falar em Chico Xavier. Meu pai conhecia-o desde 1935. Papai desencarnou em 1937, no dia 19 de janeiro, em Sacramento – Minas Gerais.

A mensagem de papai foi a mais diferente de todas que tenho recebido até hoje. Cinco meses depois de sua desencarnação, chegou pelo Correio uma carta endereçada ao meu irmão Labieno, o filho mais velho. Era enviada pelo Chico Xavier. Ninguém em minha casa conhecia o Chico. Só o papai que esteve com ele em várias visitas, em Pedro Leopoldo. Em 1954 tive a felicidade de visitar o Chico em Pedro Leopoldo. Nesse dia, em companhia de meu marido, tive grande emoção quando o vi pela primeira vez. Minha impressão foi como se já estivesse com ele. Não me era estranho.

O tempo foi passando e esporadicamente fazia minhas viagens para visitá-lo. Em 28.08.1964, meu marido veio desencarnar, vitimado por afogamento, no Rio Meia Ponte, em Goiânia. Hoje, mais assíduas em virtude do desencarne do Gastão meu marido e meu filho Henrique Emanuel Gregoris.

Na véspera do falecimento do Henrique, algo importante aconteceu. Fiquei com 2 netos em casa de minha filha, enquanto ela e o marido passeavam no Rio de Janeiro. Henrique e Eduardo, meus filhos, ficaram a sós em nosso apartamento, estávamos separados há 18 dias.

No dia 9 de fevereiro, o Henrique me telefonou. Fazia isso todas as noites, para saber como estávamos. Notei que ele parecia satisfeito. E me disse:

- *"Veia, acabei de assistir um capítulo de "A Viagem" e fiquei todo arrepiado." Achei graça e perguntei por que. (Claro que eu sabia, pois também a assisti).*

"Mãe! A Dinah morreu e acordou toda confusa num lugar estranho e não sabia que era o além. Escuta, Veia, você me garante que lá é daquele jeito mesmo?"

"Não! É muito mais interessante e bonito."

"Puxa, que novela bacana, vou assisti-la inteira, podes crer."

No dia seguinte foi ele quem partiu para a Espiritualidade. Tenho um sentimento de muita gratidão pelo autor, atores e pelo nosso querido Chico, que na verdade é o patrono de todas as nossas alegrias espirituais em nome do Cristo.

Eu orientava Henrique para sempre que visse um acidentado o socorresse imediatamente, sem pensar em problemas posteriores. Ele me dizia:

"Veia, essa de Samaritano ainda vai me levar para a cadeia. Quem vai acreditar que não fui eu o causador do acidente.". E socorreu vários casos, graças a Deus.

Quando ele foi o acidentado, dois hospitais o rejeitaram e morreu à porta do terceiro que o socorria. São os espinhos do nosso caminho que, sem a ajuda de Deus, como aceitar?

No mês de abril de 1976, fui a São Paulo. Na minha ausência, companheiras do Departamento Assistencial Menina-Moça Lar de Matilde – resolveram visitar o Chico Xavier em Uberaba. A noite foi de felicidade para uma delas, que recebeu mensagem da filha, Mariana Cupertino, que desencarnar há 7 anos, aos 17 anos.

Na mensagem ela pede à mãe dizer à irmã Augustinha que a primeira tarefa de Henrique, na espiritualidade, fora a de socorrer a pequena Juliana, nem o Chico sabia.

De volta a Goiânia, procurou com varias companheiras identificar a garota, porém, ninguém a conhecia.

Quando voltei é que pude dar a informação:

Juliana era filha de Dulce Consuelo Martins Nunes, colega do Henrique, da INCA de Brasília, que faleceu em acidente automobilístico, dois meses depois dele, na rodovia Belo Horizonte-Patos, em Minas Gerais.

Henrique adorava a garotinha.

Todas as noites faço muitas preces em meu quarto, junto ao retrato do meu filho. Uma noite notei, surpresa, que os olhos do meu filho (no retrato) estavam marejados. E durante alguns dias o fenômeno se repetiu.

M sábado visitei uma grande amiga, Sra. Naiá Siqueira Amorim, e comentávamos fatos de nossa vida ocorrido com o querido amigo Chico.

Pouco mais tarde, ouvimos a campainha da porta. Certamente alguma visita. Ficamos surpreendidas olhando o recém-chegado. Era Chico Xavier.

Cumprimentou a todos e quando me viu, sorriu e disse: *"Augustinha, você aqui?"*

- *"Olha"*, e tirou um envelope azul do bolso do paletó. Era meu nome e endereço.

- *"Sabe por que os olhos do Henrique estão marejados?"*

(Há dois dias atrás eu assinara (pra valer) a Apelação, no processo de sua morte).

Numa das últimas vezes que estive com o Chico, estávamos juntos na peregrinação (reparte de donativos aos menos felizes, que é feita nos sábados à tarde). Ele chamou-me para ficar junto dele e o ajudasse na distribuição para aqueles irmãos. Fiquei ao seu lado, uma senhora de São Paulo (não me lembro o seu nome), distribuía as notas de dez cruzeiros, que eram dadas às senhoras mais idosas e às gestantes. O Chico, muito feliz, disse-me:

- *"Augustinha, aquela nossa amiga é o Banco do Brasil e você é o INPS"*; achei muita graça nesta brincadeira do Chico. Em outra oportunidade, contou-nos também que nas reuniões doutrinarias, às vezes, menos atento, chegava a cochilar e levava suas chamadinhas dos Benfeitores Espirituais.

Ele se desculpava, dizendo que era cansaço, mal estar. E o Benfeitor:

E você cochila quando vai comer?

- *"Geralmente não."*

Então não durma na pregação que é o alimento Espiritual que você está precisando e muito.

É, meus queridos leitores, recebi três mensagens de meu filho e uma de meu marido; são 4 jóias que estão guardadas no cofre do meu coração, protegendo-me com os seus valores inestimáveis.

O Chico representa para nós o HOMEM DO FUTURO, onde já podemos ir imitando alguma coisa. Ele em nossa família é o Anjo Bom, de uma existência em tristes resgates.

Sem Chico Xavier em meu caminho, em osso caminho, seria uma via-crúcis, sem cireneu. Um dia, com a graça de Deus, chegaremos lá.

A nossa rogativa por tudo que nos foi dado por misericórdia de Deus, no trabalho e amor de Chico, no desprendimento de sempre servir e ver seu semelhante feliz, só existe uma:

"Deus lhe pague e o proteja para toda a eternidade"

Augusta Soares Gregoris

...A FAMÍLIA ESPÍRITA...

José Roberto Pereira da Silva

Nascimento: 06.08.1953

Desencarne: 08.07.1972

Parentesco: Filho

Buscando algum consolo pelo desencarne de meu filho José Roberto – o Beto – e, tendo em varias oportunidades ouvido falar da mediunidade de Francisco Cândido Xavier, na época, duvidosa, angustiada e ferida na minha dor, achei que poderia encontrar algum conforto em suas palavras, apesar de católica fervorosa.

Não tinha conhecimento algum da Doutrina Espírita, visto que não nos interessava praticar e professar outra religião.

Os comentários que ouvia sobre Espiritismo não eram muitos felizes, o que nos afastava ainda mais dessa Doutrina. Hoje, felizmente, temos um conceito certo sobre o assunto.

Um dia, passou-me pelas mãos uma mensagem psicografada pelo Chico Xavier, do Augusto Cezar, filho da sra. Yolanda Cezar, senhora que conheci através de apresentação de uma amiga.

Tive grande vontade de conhecer Francisco Candido Xavier. Realizava-se nessa ocasião uma tarde de autógrafos com Chico no Palácio Mauá, em São Paulo.

Creio que intuída por Amigos Espirituais fui até lá.

Fiquei emocionada vendo tanto amor e humildade naquela criatura.

Aguardei minha vez para cumprimentá-lo e dizer da minha dor. Saí bastante confortada.

Em 10 de maior de 1973. “Dia das Mães”, por um gentil convite da sra. Yolanda Cezar, estávamos a caminho de Uberaba.

Nessa viagem, meu marido fez questão de me acompanhar.

Não conhecia nada. Para mim tudo era expectativa, ansiedade e o desejo enorme de uma palavra alentadora.

Recebi-a através do Chico pelo Espírito do Dr. Bezerra de Menezes, informava que meu filho estava muito bem e que tão-logo pudesse mandaria alguma notícia. Reconfortou-me e deixou-me feliz.

Aproximadamente quinze meses após a partida de meu filho, na terceira viagem, recebi a primeira mensagem do Beto.

Quando Chico iniciou sua leitura, percebi tratar-se dele. Chorei desesperadamente.

Ele pronunciava o nome de Sandra, minha filha. Nunca havia tocado em seu nome com o Chico.

Outras citações seguiram e, cada vez mais, faziam-me acreditar no que estava ouvindo.

Falou em meus avós, o vovô Yanez e o vovô Leite, desencarnados.

Fez referencia à Gruta de Maquine onde fora com meu filho, quando criança, e que hoje é atração turística.

Citou o padre João de Santo Antonio. Estranhei.

Não o conhecia e, curiosa ao voltar para São Paulo, fui saber quem era por meio de meus familiares. Tratava-se de um grande amigo da família. Batizou inclusive meu tio Elcenor Leite, ainda vivo, contando atualmente com 80 anos.

Outra lembrança foi a do seu aniversário em 06 de agosto. Após a leitura fiquei muito emocionada com os fatos tão reais, que por umas duas horas não consegui falar.

Aquela mensagem foi como se meu filho estivesse sempre presente, a conversar comigo.

Fui mudando, tentando encarar as coisas com muita serenidade.

Procurei ampliar meu relacionamento com as pessoas que me ajudaram e continuam me ajudando, dentro da Doutrina Espírita.

Passamos a freqüentar o Lar do Amor Cristão. Reencontrei o equilíbrio que havia perdido, encorajando-me para as dificuldades a enfrentar.

Daí para a frente, graças a Deus, recebi cinco mensagens do Beto. Todas elas trouxeram sempre pontos que muito nos surpreenderam, pois cada uma com citações comprovadoras para nós, de pessoas e casos que até então desconhecíamos.

Aproveitando a oportunidade de trazer a público meu testemunho, gostaria que meu marido pudesse dizer algumas palavras.

Nery, por favor, continue.

Como Lucy explicou no início deste testemunho, professávamos outra religião com certo fervor. Antes da perda de meu filho, ouvira falar de Chico, mas não despertava-me qualquer interesse.

Quando cheguei em São Paulo vindo de Abaíra, minha terra natal, no interior da Bahia, ainda moço, trazia comigo um sentimento triste, havia presenciado muito sofrimento e miséria.

Crianças morriam por falta de recursos médicos e, quando Beto em tempo escolar, deixava transparecer certas tendências para a medicina, por varias vezes conversamos, dizia-lhe que gostaria muito quando fosse um medico, se possível construirmos uma casa de saúde para os doentes sem recursos. Acalentava este desejo.

Quando da mensagem de José Roberto, deixou-me muito surpreso e mostrou-me sua autenticidade, me fez recuar no tempo em que dialogávamos.

Qual no foi minha surpresa, quando Beto, na mensagem assim se expressa: *"...O senhor queria que eu ficasse aí para realizar os seus ideais; no entanto , eu não estou morto, meu pai! Estou vivo! E trabalharei com suas mãos. Recordo as suas palavras, lembrando os dias de sua infância. Você queria seu filho num hospital para atender as crianças necessitadas e satisfazer as necessidades dos enfermos sem maiores recursos..."*

Outro pormenor que acho importante: no final do trabalho, o Chico chamou minha esposa e perguntou-lhe quem eram os senhores Afonso Leite e José Leite, dizendo que o Beto estava ali mencionando seus nomes.

Peço a Lucy que continue descrevendo:

- Aquilo me surpreendeu. De modo algum estava pensando em meus parentes. Estava tão emocionada que o Beto não saía do meu pensamento.

Disse ao Chico que um deles eu desconhecia, mas o outro, o Afonso Leite, fora o meu tio-avô.

Regressando de Uberaba e consultando minha mãe, quis saber quem era Jose Leite.

Informou-me tratar-se de um seu primo.

Posso, com a tranqüilidade, a segurança e o equilíbrio que a Doutrina está nos trazendo, fotografar a imagem de Chico, alojando-a em nossos corações na mensagem de trabalho, humildade e na união de todos os seus seguidores e, num gesto muito simples, dizer:

"A família espírita lhe deve muito, Francisco Cândido Xavier".

Lucy Yanez Silva

...NOVOS HORIZONTES NO ESTUDO...

Pia Maciel
Nascimento: 15.03.1905
Desencarne: 28.07.1975
Parentesco: Mãe

Quando mais jovem tomei conhecimento do trabalho de Francisco Candido Xavier, através das suas primeiras obras. Aproximadamente pro volta de 1957.

Papai, seguidor da Doutrina Espírita e, em contato com Chico, levava para casa os volumes de seus livros que me encantavam sobremaneira, deixando sobressair um desejo enorme de conhecê-lo pessoalmente.

Chico residia em Pedro Leopoldo. Lá era o campo de seu trabalho profissional e também das reuniões no campo doutrinário, de onde saíam às coisas maravilhosas que todos conhecemos. Viajava de avião, pois as estradas não ofereciam condições de se viajar de carro.

Contava-nos que era delicioso. Chico recebia pequenos grupos, levava-os à sombra dos eucaliptos. Ali conversavam e ele contava lindos casos, comentando sobre o Evangelho e outros ensinamentos que só quem estava presente podia avaliar.

O tempo foi passando. Cresceu-nos o desejo de estruturarmos uma obra para crianças e necessitados. Fomos ter com o Chico, mas em Uberaba, para onde se transferira havia pouco tempo. Estivemos com um pequeno grupo, não que fossemos em função da obra que iniciava e nem pela curiosidade, mas pela vontade de estar com o médium que nos trazia pela sua psicografia, os ensinamentos que tanto admirávamos.

Esse grupo, com alguns conhecimentos da Doutrina, grupo harmonioso como se fora um grupo familiar. Chico nos atendeu maravilhosamente. Para mim foi um impacto emocional muito grande, mesmo sem ter falado com ele quando chegamos.

Realizava o receituário em ambiente publico, enquanto companheiros desenvolviam palestras doutrinarias. Hoje, esse receituário é feito em sala separada devido ao grande número de pessoas presentes.

Achava o Chico formidável. Era simples demais. Um fato naquela oportunidade chamou minha atenção: ele sentou-se à mesa para os trabalhos, tirou os pés dos sapatos e colocou-os sobre os mesmos. Achei aquilo maravilhoso. Cheguei a pensar comigo mesma: - *"Que simplicidade! Com tanta gente aqui, ele não está se incomodando com coisa alguma, totalmente voltado para o seu trabalho."*

Experimentamos indefinível alegria. Psicografada e lida a mensagem, constatamos ser de Emmanuel, aquela autoridade que nos legou maravilhas como "Há Dois Mil Anos", "50 Anos Depois". "Paulo e Estevão", "Renúncia", "Ave Cristo!" e outras mais. Aquelas palavras soavam-nos como se estivéssemos fora da Terra.

À medida que o pessoal se despedia e diminuía o número dos presentes, pudemos estar mais junto com o Chico. Fui até o papai pedindo que me apresentasse a ele, o que não chegou a acontecer pois, ao nos aproximarmos, Chico foi logo dizendo: - *"Boa noite, então a nossa Maria Acácia veio aqui conosco."*

Achei aquele momento fora do comum. Não havia trocado uma palavra com ele. Depois passou a falar de minha filha Célia, que renasceu com deficiência física. Contava naquela época dois anos de idade. Disse-me da tarefa que eu teria com ela. Comentou não tratar-se de uma reencarnação compulsória. Ela mesma escolhera a prova e me daria grandes alegrias. Enfim, o que Chico falou, aconteceu e está acontecendo.

Após esse encontro, passei a freqüentar Uberaba uma vez por ano, não indo muitas vezes devido às dificuldades naturais que me prendiam em meu lar e na Obra em formação, hoje, graças a Deus, em franca atividade.

Ao longo dos anos, as tarefas foram se desenvolvendo e conheci a Sra. Yolanda Cezar. Com a partida de seu filho Augusto Cezar Netto, começou a visitar Chico Xavier e, as vezes que viajava para Uberaba, convidava-me, permitindo-me assim, vê-lo mais amiúde.

Mamãe desencarnou e nos dez meses que se seguiram, nunca deixei de pedir notícias dela. Sempre recebia recados do Dr. Bezerra de Menezes, dizendo que ela estava bem, se refazendo, se integrando no trabalho. Eram notícias muito confortadoras.

Em 23 de maio de 1976, tivemos a felicidade de receber sua mensagem. Foram surpresas e alegrias do começo ao fim. Com isso, achei que não devia mais incomodar o plano espiritual.

Interessante que na mensagem ela fazia referencia à Nina. Chico chamou-me e disse: - *"Você sabe quem é a Nina?"*. No começo não consegui lembrar-me. Depois, procurando ligar os fatos, recordei-me de tia Ângela que desencarnara um ano antes e, entre os familiares, era chamada de Nina. Voltei ao Chico e esclareci tratar-se da irmã de mamãe. Isso tudo calou-me muito fundo.

Mamãe teve sua vida muito dedicada à Doutrina Espírita. Cerca de quarenta anos trabalhou sem medir sacrifícios, com espírito de renúncia, sempre transmitindo muita paz e serenidade. Às vezes, nós a achávamos passiva demais. Mas com a mensagem, fomos perceber quanto estávamos erradas. Aquela serenidade lhe permitira uma situação espiritual privilegiada e, com isso, hoje tomamos mais cuidado em nossos atos, na forma de nos dirigirmos e tratarmos com os semelhantes.

O conteúdo desta mensagem modificou completamente a estrutura do meu lar e até mesmo do meu trabalho espiritual. Esta mudança é constatada quando observamos fatos que acontecem e dos quais, às vezes, fazemos parte, como os que se seguem:

"Um senhor recebeu pelo Chico uma mensagem do filho. Sua mãe presente, humilde, abatida e com luto fechado que mais realçava sua tristeza. Estava acamada há quase dois anos e, durante esse tempo, havia recorrido a todos os recursos médicos e religiosos para sair daquela situação. Quando Chico iniciou a leitura da mensagem, a senhora quase desmaiou. Foi socorrida e levada para junto do Chico. O rapaz explicava ao Chico que fora levado ao suicídio, hipnotizado por espíritos ligados a ele pro compromissos do passado. Assim, suicidara-se involuntariamente. Falava de todos os familiares, inclusive de um cunhado japonês, presente, citando seu nome por completo. Também a um seu irmão, que se encontrava em companhia da esposa, pedia-lhe que procurasse melhorar, que abandonasse a idéia do suicídio. O moço, emocionado, dizia que iria modificar-se e transformar-se.

Em outra ocasião, coincidentemente, esta família estava lá e o rapaz trouxe outra mensagem. Nesse dia, soubemos que a mãezinha já não estava de cama, sentindo-se mais tranqüila e segura. O rapaz, seu irmão, voltando-se para mim disse: - "A senhora sabe que naquela sexta-feira estava com tudo preparado para, na segunda-feira, suicidar-me? A mensagem de meu irmão salvou-me".

"Em outra vez, uma senhora, moça ainda, chegando-se a mim, chorando muito, queria um contato com Chico. Estávamos sentadas fora do salão. Começou a contar que o marido suicidara-se em circunstâncias tais, deixando a impressão de que ela o matara. A família havia aberto inquérito. Casada há pouco tempo, desesperada, rogava que precisava falar com Chico. Pedi a ela que tivesse paciência e aguardasse na fila. Era grande o número de pessoas. Não deu tempo dela ser atendida. Chico entrou para o receituário. Mas, no fim do trabalho, voltou a psicografar. O espírito comunicante era o marido dela. Contava a forma como desencarnara esclarecendo que ela não tivera culpa alguma. Vejam a autenticidade da comunicação. A moça só conversar comigo. Tenho até uma foto dela quando da leitura da mensagem,. Chorava muito".

Aqui em São Paulo, nosso companheiro de diretoria do Lar do Amor Cristão, o Luciano, sentia uma vontade enorme de conhecer Chico. Na época em que o médium viajou para os Estados Unidos, Luciano morava perto do Aeroporto e achou por bem despedir-se. Querendo ter a certeza do que ouvia a respeito do Chico era verdade, no

caminho pensava: - "Apesar de acreditar nele, se fosse chamado pelo nome como dizem que ele faz, seria uma forte confirmação". Colocou-se na fila e, quando estava chegando perto para os cumprimentos, Chico olhou para ele e cumprimentou-o: "Boa noite Luciano". Ele, totalmente desconcertado, chorou de emoção.

As frases do trabalho de Chico sempre foram bem acentuadas e marcantes. Tomemos como exemplo o primeiro "Pinga-Fogo", onde a repercussão de seu trabalho mediúnico alcançou horizontes até o infinito.

Eufórica, na época escrevi-lhe que "O Brasil amanheceu de roupa nova", tamanha a penetração de suas palavras.

Esse dia marcou não somente para os que não o conheciam, mas também a nós que o acompanhamos de perto.

Ante o seu exemplo, vamos sentindo a transformação, a responsabilidade cada vez maior, colocando-nos a prova do amor-cristão.

Em assuntos do cotidiano, ao depararmos com qualquer empecilho, pensamos logo como Chico agiria. Nunca nos lembramos de tê-lo visto revidar ante qualquer atitude indelicada ou agressiva de pessoas menos felizes que o cercam e que feriria a suscetibilidade de qualquer um. E àquela ofensa responde com amor e carinho.

Agora, cedo a vez para que minha irmã Lucy Maciel registre o seu parecer.

Quando estamos em Uberaba, procuramos sentir a vivência do Chico no seu trabalho mediúnico. Percebemos que é um espírito altamente preparado, trazendo esse preparo de longa data. Uma criatura completamente libera de muitas necessidades. Chico não é um místico. É um médium, uma pessoa extraordinária.

Levamos às vezes algum problema no coração que nos aflige, e na sua delicadeza, atenção e carinho, vira-se às vezes em nossa direção e comenta alguma coisa que vem de encontro aos nossos conflitos.

Passamos novamente a palavra à Acácia.

Concluindo as palavras de Lucy, Chico em nosso entender trouxe-nos novos horizontes no estudo das obras de Kardec, confirmando esses ensinamentos na vivência do evangelho demonstrado em seu trabalho mediúnico, despertando-nos e mostrando-nos o valor da mediunidade a serviço de Jesus. Espíritas ou não adeptos da Doutrina de Kardec, todos mostram pelo Chico um grande respeito, admiração e carinho.

Parecer do Sr. Benedito Pedro dos Santos, esposo da Lucy Maciel dos Santos.

Endossando as palavras de Acácia, quero dizer, ainda, que Chico sempre foi para mim o algo mais. Foi conhecer o respeito, a preciosidade, o amor e o equilíbrio maior. E demonstra, através do exemplo, que podemos ampliar estas qualidades dentro de nós.

Conheço o espiritismo desde os 17 anos, mas com Chico aprendi algo que não conhecia.

E agora, o aparte do Sr. Celso Cassanha, esposo da Sra. Acácia Maciel Cassanha.

Em nossa família ele marca presença sobre dois aspectos:

- primeiro, como espíritas praticantes que somos, sempre que se fala em Doutrina, não omitimos o nome de Francisco Candido Xavier como médium, pelo seu exemplo e pelo seu respeito.

- segundo, como homem é aquele amigo certo para as horas difíceis. aquele que chamamos de amigo e dizemos tudo.

Maria Acácia Maciel Cassanha.

...SE TODOS PUDESSEM VIVER...

Valter Perrone

Nascimento: 4.07.1950

Desencarne: 14.02.1974

Parentesco: Filho

Perdoem-me a maneira de iniciar estas linhas, mas meu filho Walter Perrone, uma semana antes de desencarnar, presenteou-me com um livro espírita "Entre Duas Vidas", sabendo, inclusive, que eu talvez não o lesse, por não mostrar nenhum interesse pela Doutrina Espírita. Nessa semana falou muito em Francisco Cândido Xavier, mostrando grande interesse em conhecê-lo. Agiu como se me estivesse mostrando que iríamos, dias após, ficar mesmo entre duas vidas.

Três meses passados de sua partida, necessitei ser internada, em consequência do meu descontrole emocional. Fui encaminhada para uma casa de saúde. No Hospital Santa Helena. Certa feia quando voltávamos de Campinas, paramos um pouco no Restaurante Lago Azul. Casualmente, Francisco Cândido Xavier estava lá. Meu filho Carlos avistando-o disse-me: "Mãe, olhe quem está ali, o Chico Xavier."

Imediatamente, fui ao seu encontro. Não tive oportunidade de contar nada do que se passava comigo. Foi um contato muito rápido. Ele já estava de saída. Entrou no carro e partiu.

Nunca tinha visto Chico Xavier pessoalmente. Conheci-o através do Programa "Pinga-Fogo", que, aliás, achei muito interessante. Suas palavras naquela noite tocaram-me profundamente. Achei-o demais ponderado e equilibrado.

Passados seis meses do desencarne do Walter, mandei celebrar uma missa à sua alma. Fui para casa, chorava muito. Era como se ele tivesse morrido naquele dia. Um sobrinho veio visitar-me e contou ter sonhado com Walter, que dizia estar muito bem e que viria visitar sua velhinha.

Aquelas palavras soaram como um convite a procurarmos Chico. Com muita ansiedade, ainda naquele dia, sai à procura de uma amiga, a Sra. Célia de Carvalho.

Convidei-a para me acompanhar até Uberaba. Aceitou e fomos.

Em Uberaba, sozinhas, indaguei onde ficava o Centro de Chico Xavier e fomos para lê. Algumas pessoas, em fila, estavam sendo atendidas por ele. Informe-me e aguardamos. Não consegui falar-lhe. Estava ansiosa. Minha amiga, conversado com uma das senhoras presentes, soube que o Chico logo entraria para o receituário. Aflita com isso, acabou por atrair a atenção de pessoas que informaram o Chico. Voltando-se para nós, chamou-nos para que sentássemos à mesa. Com esse acontecimento, tive a certeza de que conseguiria sua palavra.

Não conhecia e nem sabia da existência da psicografia. Via as pessoas anotarem seus nomes. Estranhava tudo aquilo.

Falava comigo mesma: "Hoje em dia tudo se paga. Certamente terei que pagar." Perguntei a uma pessoa sentada ao meu lado, se teria que pagar alguma coisa. A moça estranhou, respondendo que não. Estávamos num trabalho espiritual. Nesse tempo, Chico voltou e iniciou a psicografia.

Estava sentada quase a sua frente, convicta de que ele iria dar-me sua palavra. Via-o escrever, mas não imaginava o que era aquilo. Falei a um rapaz que estava perto de mim e ele esclareceu-me. Chico iniciou a leitura da mensagem.

Fiquei atenta e quando foi lido "Querida mãezinha", arrepiei-me toda e algo me dizia que era o Walter. Cresceu-me a certeza. Não me contive e comentei com a moça ao lado: "Tenho certeza que é meu filho." Era mesmo. Era verdade.

Foi o meu primeiro sorriso desde a sua morte. Entre lágrimas falei à minha amiga: "Acontece o que acontecer, sei que Walter não se esqueceu de mim." Desse momento em diante, comecei a aceitar a Doutrina Espírita.

No segundo encontro, em casa, senti a presença do Walter. Desta vez, com algum conhecimento pela experiência da primeira reunião, convidei minha filha Soninha, para que me acompanhasse a Uberaba. Recebi outra mensagem, muito bonita e bem extensa, que permitiu inclusive uma identificação com o espírito de Walter, pela revelação de dados desconhecidos pelo Chico.

O Hospital Santa Helena, por exemplo, onde ele diz "...foi o primeiro socorro para tirar a mãezinha daquele estado depressivo..." a menção da Mariazinha, mãe de seu colega, meu sogro, irmão, irmã, filho, esposa e a referencia aos médicos da família.

Fiquei perguntando a mim mesma, como era possível tudo aquilo, porque na hora da reunião não tinha outros pensamentos a não ser para o Walter. Admirava-me cada vez mais, pois não conhecia ninguém em Uberaba, não havia trocado palavras com qualquer pessoa.

Lembrei-me quando meu sobrinho falou-me do sonho. Meu sentimento foi de que Walter esperava-me lá. Comecei a ligar os fatos e percebi a afinidade que desde criança tinha comigo. Era profundamente carinhoso e dizia sempre que queria morrer antes de mim, pois não suportaria ver-me partir.

Hoje encontro-me dentro da Doutrina Espírita, interessando-me na leitura de seus livros. Por tudo isso, dou graças a Francisco Cândido Xavier.

Certo dia, perguntei-lhe o que poderia fazer por ele, já que nada pede. Ele respondeu: "Se a senhora puder confortar as outras mães, me fará bastante feliz." É o que eu tenho tentado fazer.

Minha filha Soninha, que tem me acompanhado sempre a Uberaba, não acreditou na primeira mensagem. Achava que aquilo era balela, não acreditava em Espiritismo. Acontece que na segunda vez que lá estive, Soninha quis, inclusive, fazer um teste, ficando longe de Chico. Ele não a conhecia. Ela ficou perplexa quando ele a chamou pelo nome, pedindo que se acercasse de nós. Outro ponto que a deixou boquiaberta, foi quando Chico psicografava a segunda mensagem de meu filho e, querendo saber se era dele mesmo, mentalizou um problema particular seu, aguardando orientação. A resposta veio. Hoje, Soninha tem verdadeira admiração por Chico.

Grande parte de pessoas do nosso relacionamento, de formação católica, como fomos também, pois hoje adotamos o Espiritismo como Doutrina, sentem a influencia benéfica de suas mensagens.

Eu e minha família muito devemos ao Chico, pela paz, segurança e reencontro conosco mesmo, recebidos através do seu carinho e das mensagens de que tem sido portador.

Acho que se todos pudessem viver um pouco do que vive e exemplifica Francisco cândido Xavier, o mundo seria bem melhor.

Maria D. Perrone

...QUE DEUS O CONSERVE...

Serafim Pereira de Abreu

Nascimento: 16.11.1913

Desencarne: 06.10.1973

Parentesco: Esposo

Apesar de conhecer o Chico pela Televisão, fui levada a Uberaba pela Sra. Yolanda Cezar, a quem fui apresentada. Lá chegando, com a maior facilidade falei ao Chico do meu desespero e minha dor.

Isso foi numa 5ª feira e, no sábado, por intermédio do Dr. Bezerra de Menezes, veio um recado que me satisfez e tive certeza, pelas referencias a meus filhos Junior e Silvia Maria.

O tratamento de Silvia Maria só era dado pelo meu marido e os demais da família a chamavam de Silvia.

Voltei algumas vezes mais, porém, procurava não tomar muito do tempo do Chico. Conversava pouco, dando oportunidade a outras pessoas, na ocasião mais necessitadas.

Um ano depois, recebo as palavras de meu marido, através da psicografia do Chico.

Logo nas primeira linhas identificou-se, pois meu marido, português, e no andamento de nossa vida, ao dirigir-me a palavra tratava-me por "tu", naquele modo bem português mesmo. Chico não conhecia e nada sabia.

Uma particularidade, o nome da minha filha Nilda na mensagem estava escrito "Nilza", mas não comentei com ninguém. Na despedida, isso na madrugada de domingo, no nosso Chico me disse: "Estive com o Sr. Abreu à tarde e ele falou-me: Chico, escrevi o nome da minha filha errado e você nem me ajudou"; entoa, pediu-me que fizesse a gentileza de corrigir o original. Isto me comoveu muito, mas não fugi ao equilíbrio.

No dia em que recebi esse presente do Céu, estava com meu filho. Chorava e ria ao mesmo tempo.

Minha alegria transbordava, não sabendo se minhas lágrimas eram de saudade ou de felicidade.

Quando comento e mostro a mensagem para aqueles que nos conhecem bem e que freqüentam nosso lar, eles dizem que parecem estar conversando com meu marido de tão autentica que é. Conceito de pessoas que não tem o menor interesse em bajular ou confortar-me.

Há outras que me perguntam se ela foi corrigida, por estar uma perfeição.

No original só alterei o nome da minha filha, com autorização do Abreu e Chico.

Durante o período que meu marido esteve doente, muitos amigos que freqüentavam nossa casa, naturalmente de diversas religiões, faziam sempre suas orações para nos consolar.

Um pessoal espírita, todas as semanas lia o evangelho em casa e ao mesmo tempo nos dava passes, que auxiliaram muito no desencarne do meu marido. Era muito apegado à vida.

Todas as vezes que há oportunidade vou a Uberaba. Sempre trago em meu coração palavras de muito conforto, de muita paz. E, em algumas vezes recados do Abreu confortando-nos, principalmente a meu filho Júnior e minha filha Silvia.

Apesar de sofrer muitas saudades do meu marido, procuro aplicar tudo que aprendi e recebi das palavras consoladoras e esclarecedoras de Francisco Cândido Xavier.

Aprendi também a aproximar-me de Deus, pois nunca tive a consciência de agradecer a Deus por aquilo que estávamos recebendo.

Apesar dos percalços da vida, posso dizer com segurança: antes do Abreu desencarnar tínhamos uma vida relativamente tranqüila, uma vida financeira relativamente boa, pois é nessas particularidades que digo nunca ter lembrado de erguer meus olhos a Deus em agradecimento.

Minha vivência é muito pequena ainda em Uberaba, mas mesmo assim, quando me deparo com Chico sinto uma tranqüilidade muito grande e, não sei porque, uma forte vontade de chorar. Sinceramente não posso explicar essa minha emoção.

A respeito, pouco comentário faço com minha família, a não ser com meus filhos. Entre estes, Junior é o que nutre mais admiração, pois o Chico comentou assuntos que ele havia conversado com o pai em absoluto sigilo. Não podia entender como ele pudesse ter conhecimento de todos aqueles pormenores.

Hoje, pelo conforto, pelo equilíbrio maior que pudemos adquirir no meio de minha família, só tenho uma coisa a dizer:

Chico, que Deus o conserve em nosso convívio o maior tempo que puder dispô-lo na terra, para termos o prazer e a felicidade de saber e nunca esquecer que o amor ao nosso semelhante pode ser cultivado como você bem nos demonstra.

Laura Moreira de Abreu

Livro Amor e Luz - Psicografia Chico Xavier

...DO GÊNIO VIOLENTO...

Alberto Ferrante
Nascimento: 15.11.1901
Desencarne: 23.06.1955
Parentesco: Pai

Neste começo, perdoem-me os leitores, explicarei em rápidas pinceladas como encontrei Francisco Cândido Xavier.

Papai era pinto sacro. Uma criatura por demais apegada aos filhos.

Recebia vários convites para pintar em igrejas fora de nossa cidade. Quando isso acontecia, sofria muito vendo-se longe da família. Certa feita, combinou com mamãe que não pintaria mais fora de Franca. Cumpriria somente o último compromisso. Quando voltasse, que mamãe escolhesse um bom presente e seria atendida.

- "O maior presente que você poderá me dar quando voltar é lavar-me para conhecer Francisco Cândido Xavier," foi a resposta. Assim ficou combinado.

Papai saiu, cumpriu seu compromisso e voltou. Passaram-se uns dias e acertaram a viagem a Pedro Leopoldo.

Aconteceu, porem, que um ou dois dias antes da viagem, apareceram em casa alguns dos seus alunos, pois papai era professor de pintura, e o convidaram para pintar algumas paisagens no campo. Gostando muito desse tipo de pintura e devotado aos alunos, aceitou o convite.

Chegando nas proximidades da Usina de Peixoto – Piçarra, um de seus alunos chamou-o e mostrou-lhe:

- "Olhe, senhor Ferrante, que paisagens lindas são aquelas montanhas!"

Papai levantou-se para olhar. Nesse momento, infelizmente, a camioneta em que viajavam entrou numa curva acentuada e papai caiu para fora do veículo.

Seus alunos acudiram-no e perceberam que o caso era muito grave. Estava desacordado perdendo muito sangue. Voltaram rapidamente e passaram pela cidade de Ibiraci, a procura de um médico. Esse facultativo deu-lhe toda a assistência, acompanhou-o até o hospital de Franca. Imediatamente formou-se uma junta médica para observar o caso.

Acontece, porem, que os médicos, em vista da gravidade do caso e no afã de recuperar papai e como ele não reagia, acharam por bem enviá-lo a São Paulo para ser examinado por especialistas.

Nesse ínterim, o Dr. Thomaz Novelino tomou conhecimento do acidente e sabendo da providencia que a junta médica pretendia tomar, aconselhou mamãe não deixar que o fizessem, considerando que o carinho e a presença da família muito contribuiriam para o tratamento. Papai esteve em coma por dezoito dias consecutivos. Depois foi se recuperando e ficou em tratamento que se prolongou por muito tempo. Posso dizer, de seis a oito anos.

Completamente curado, voltou a pintar.

Nessa época, o Dr. Agnello Morato esteve em Pedro Leopoldo e fotografou vários pontos da cidade para que papai pintasse. Gostaria de presentear Chico com um de seus quadros.

Pedi a papai que escolhesse uma das gravuras e a transferisse para a tela. Da escolha resultou a que mostra a queda de uma cachoeira existente em um recanto cujo nome não me recordo. Depois de pintada, foi levada pelo Dr. Morato.

Chico, ao desembulhar e deparar com a imagem, num gesto de muita alegria falou: - "Este quadro para mim é de grande valor. O artista escolheu exatamente a cachoeira onde Emmanuel apareceu-me pela primeira vez."

Pouco tempo depois papai desencarnou. Era 23 de junho de 1955.

Um ano depois, consegui comprar uma camioneta e convidei mamãe para um passeio a Pedro Leopoldo. Aquele que papai não conseguira realizar.

Fomos quatro pessoas. Mamãe, Edera, minha irmã e Francisco Aguilar Algate.

Após dois dias de permanência em Pedro Leopoldo, não tínhamos conseguido ver Chico Xavier. Desanimados, pensamentos em voltar.

No quarto do hotel, conversávamos. Bateram à porta chamando-nos e, gentilmente, a senhoria da casa nos informava da presença de Chico em frente ao prédio.

Saímos rapidamente, mas não conseguimos descer a escada em razão do excessivo número de pessoas. Estávamos bem atrás, nos últimos degraus. Chico, dentro de um veículo, avistou mamãe. Saiu do carro e, pedindo licença, foi subindo, aproximando-se dela. Chamou-a pelo nome, abraçou-a, apresentou-a as pessoas que ali estavam, como a esposa do artista Senhor Alberto Ferrante. Chamou-me pelo nome e depois convidou-nos para irmos ao seu encontro à noite. Precisávamos conversar. Era a primeira vez que o víamos e ele nos chamava pelo nome.

Minha alegria era imensa. Para aguardar até a noite, estava se tornando uma eternidade. Meu desejo de estar junto dele crescia de minuto a minuto.

Chegamos ao Centro. Iniciadas as tarefas fomos convidados a fazer parte junto das pessoas que integravam a mesa, processando-se a reunião dentro das disciplinas que a regiam. Fiquei impressionado de ver o grande número de receitas naquela primeira parte do trabalho.

Terminado o receituário, fomos brindados com a mensagem de Emmanuel. Em seguida, percebi a fisionomia de Chico alterar-se completamente e grossas lágrimas correrem-lhe pela face. A emoção tomou conta de todos e percebemos que naquelas linhas chegava alguma mensagem comovedora. Terminada a psicografia, encerrou-se o trabalho. Chico pediu licença à mamãe se poderia ler aquela carta a nós dirigida. Achava-a linda e emotiva, gostaria que os presentes conhecessem o seu conteúdo.

Acompanhamos com muita emoção a leitura. Trazia no seu texto o nome de todos os filhos, genros e outros assuntos de nosso conhecimento. Entregou-me logo após os originais e foi para a livraria atender as solicitações de autógrafos em alguns dos seus livros.

Notei na mensagem a ausência do nome da minha irmã Lourdes. Acreditei ter havido alguma razão para tal. Minha irmã Edera aproximou-se e em particular, pediu-me que colocasse o nome da irmã. Também notara sua falta. Recusei, dizendo-lhe que aguardássemos. Continuou insistindo e, resoluto, respondi-lhe uma vez mais que esperasse.

Nesse momento, uma das pessoas presentes chama-me: "O Chico quer falar consigo".

Atendi-o prontamente. Chico com todo carinho pediu-me a mensagem de volta dizendo:

- "Seu paizinho, ainda presente, disse que na hora da psicografia, muito emocionado, deixou de colocar o nome de sua filhinha Lourdes."

Perguntou-me também se conhecia is Senhores Arnulfo de Lima e Dr. Ulisses Paiva. O Sr. Anulfo havia conhecido e o Dr. Ulisses só de nome. Mas mamãe, em seguida, confirmava tê-lo conhecido. Esclareceu-nos que no momento que papai escrevia, estava sendo auxiliado por esses dois abnegados companheiros, que seguravam sua mão para que pudesse marcar sua presença.

Convidou-me para a peregrinação do dia seguinte. Foi daí que nasceu a idéia de iniciar em Franca aquele tipo de assistência, mantido até hoje, graças a Deus. Em homenagem a papai, esse trabalho recebeu o seu nome.

Dessa data em diante passei a freqüentar mais assiduamente Pedro Leopoldo, viajando a cada dois meses. Com esses encontros fui sedimentando cada vez mais meu conhecimento na Doutrina e aplicando-o na estrutura do trabalho assistencial em Franca, com todo amor e carinho. Hoje contamos com assistência médica, dentária, alimentar e moradias para viúvas que são visitadas todos os sábados.

Ao mudar-se para Uberaba, numa noite, Chico fazia um telefonema para seus familiares em Pedro Leopoldo. Enquanto aguardávamos a ligação, viu papai e informou-nos de sua presença. Estava pedindo que transmitisse um recado à minha irmã Rute: queria terminar alguns quadros que deixara inacabados. E o faria por seu intermédio. Ela deveria pegar sua caixa de tintas e pinceis. Ele se faria notar e usaria suas mãos.

Apesar de nunca ter pegado um pincel, ela aceitou a incumbência e os quadros foram terminados.

Até agora recebemos quatro mensagens. Numa delas papai cita o nome de vários espíritos de francanos, que estavam no trabalho com ele. Perdoem-me não citá-los. Precisaríamos de muito espaço.

Amigos, depois que conheci Chico, minha vida transformou-se por completo. Do gênio violento que eu tinha, passei a compreender melhor as coisas, dedicando-me mais aos necessitados. Sim, ali estava o verdadeiro sentido, o exemplo vindo do Evangelho aplicado. Para os que o conhecem há muito tempo, vêem nele sempre o mesmo exemplo de conduta moral, de amor, de trabalho, de tolerância, na humildade que gostaríamos de exemplificar em nossa vida.

Alberto Fernando Filho

...A CENTELHA QUE AQUECE...

Ricardo Tadeu Richette

Nascimento: 23.07.1951

Desencarne: 02.06.1971

Parentesco: Irmão

Mamãe, com a morte de Tadeu, meu irmão, não tinha a mínima condição na restauração do seu equilíbrio.

Passava o tempo todo desesperada, chorando muito. Estava adoecendo, revoltando-se com tudo e com todos. Não acreditava em nada que pudesse aliviar a sua dor.

Nessa época o Chico estava para vir à Televisão Tupi, no Programa Pinga-fogo.

Amigos achavam que mamãe deveria procurá-lo. Mas, católicos praticantes, ficamos preocupados, pois mamãe não acreditava em Espiritismo.

No dia do programa, o seu desespero parecia maior.

Não agüentou e dirigiu-se ao Canal 4 para ver se falava com o Chico Xavier.

Não conhecia ninguém, nem mesmo Chico.

Uma senhora, percebendo a sua aflição, penalizada, acompanhou-a até o Chico.

Soube, depois, tratar-se da Sra. Zilda Giunchetti Rosin.

Conseguiu trocar rápidas palavras com o Chico e voltou para casa.

Porém, esse rápido encontro de nada adiantou. Continuou chorando e cada vez mais revoltada. Dizia que o Chico recomendara-lhe calma. Mas ela não entendia.

“Como recomendar-me calma?

O filho é meu.

Por que?

Ele vai devolver o meu filho?”

Essas eram as suas palavras.

As reclamações se sucederam por muito tempo.

Depois de sete meses do desencarne de Tadeu, tive uma intuição.

Pedi à mamãe que se preparasse, pois iríamos a Uberaba no dia seguinte.

Ela não acreditou, mas insisti. Algo dava-me muita confiança e, naquele impacto, consegui seu assentimento. Nem mesmo meu marido sabia que iríamos.

Não conhecia Uberaba. Viajamos mesmo assim.

Era tarde da noite e chovia muito.

À vontade de chegar era grande e, na entrada de Uberaba, por informações, dirigimo-nos para o centro da cidade.

Para nossa surpresa, saímos bem defronte ao hotel onde havíamos feito reserva para a nossa hospedagem.

Ainda nessa madrugada fomos à procura da casa de Chico para que no dia seguinte fosse mais fácil.

Rodamos por várias ruas, até que nos vimos obrigadas a perguntar onde era a rua Eurípides Barsanulfo e a casa de Chico.

O rapaz que nos informou admirou-se, pois estávamos a poucos metros da casa.

Acredito que fui guiada. Só mesmo estando junto para sentir o que aconteceu.

No dia seguinte fomos à reunião, mas não pudemos falar com o Chico. Havia muita gente, um casal, talvez com problemas maiores que os nossos, tomou muito tempo.

O trabalho começou.

Colocamos os nossos nomes para o receituário acreditando que mais tarde nos chegaria uma receita com alguma medicação.

Veio um recado do Dr. Bezerra de Menezes que dizia: "Nosso Ricardo está sob os cuidados de abnegados irmãos espirituais ."

No final da reunião, por volta das três horas da madrugada, Chico nos chamou e disse se tínhamos necessidade de voltar para São Paulo, ainda naquele dia. Gostaria que participássemos da peregrinação que se realizaria na tarde daquele sábado que se iniciava.

Aceitamos.

Na volta da peregrinação mamãe estava ansiosa para falar-lhe. Mas estávamos mais afastadas. Um casal sugeriu à mamãe que falasse de onde estava mesmo. Constrangida, não falou.

Pedi-lhe que fossemos para trás, pois se tivesse que receber alguma coisa, receberíamos.

Chegando ao Centro, sentamo-nos e aguardamos quietas.

Abriram-se os trabalhos e o Chico começou a psicografar.

Mamãe nesse momento começou a bocejar e, em dado momento, seu corpo enrijeceu. Estava incorporava, sentindo a presença de meu irmão que gritava: "Mamãe, mamãe..." Socorrida, acalmou-se.

Chico começou a leitura e, quando em determinado parágrafo leu: "terça-feira...", dei um grito, pois percebi que a mensagem era para nós.

Chorávamos e tremíamos.

A senhora Marcilia Bensi, que nos acompanhou na viagem, empolgada, não se conteve.

Perguntou ao Chico como poderia eu estar com todo aquele conhecimento, pois tudo que eu programava ou falava dava certo. Ele respondeu que fui como uma espécie de tomada que foi ligada e o resto foi deixar acontecer.

Se aquela mensagem ano tivesse vindo, mamãe não teria dado o menor credito.

Ela desmaiou quando da leitura da mesma. Foi o alimento que caiu do céu e veio nos tranquilizar. Sem ela teríamos esmorecido.

Interessante que num determinado trecho, Tadeu enviava lembranças ao Aparício, gerente da empresa de Papai. Nem mesmo pensávamos nele naquela viagem.

Outra coisa, coincidência ou não, estávamos com o Certificado de Reservista do Tadeu na bolsa e, confrontando suas assinaturas, sem sombra de duvida, eram idênticas.

Nas mensagens que recebemos depois, existem muitos casos dignos de nota, como por exemplo:

Papai estava viajando e aproveitamos para ir a Uberaba. Tadeu, na mensagem, não deixou de mencionar que também estava acompanhando papai na viagem.

O Chico não sabia disso.

Na noite do seu desencarne, estava sendo levada ao ar, por um canal de televisão, a novela "Minha doce namorada", assistida por meu filho. Meu irmão comentou-a pois ouvia o som do televisor.

Foi exatamente nesse horário que lhe ocorreu o problema cardíaco.

Na última mensagem, sabemos que Chico estivera acamado e fomos visitá-lo. Já restabelecido, o encontramos no centro. Para nossa felicidade recebemos outra mensagem, onde Tadeu dizia que não podia escrever muito, pois estava cuidando da saúde do Chico.

Com todas essas dores e alegrias, passei a dedicar-me ao estudo da doutrina espírita de corpo e alma. Interessei-me demais.

Muito extrovertida, agressiva e nervosa, no meu aprendizado encontrei esclarecimento para muita coisa e, graças a Deus, tudo melhorou para mim.

Chico, para mamãe e para nossos familiares, é a centelha que aquece quando a frieza das dificuldades nos atinge.

Assim, posso dizer:

"Quero conhecer cada vez mais essa doutrina maravilhosa, para poder colaborar sempre com os que mais necessitam."

Perdoem-me a pretensão, mas hoje sou seguidora assídua do espiritismo.

Graças a deus, a mediunidade de Francisco Cândido Xavier abriu-nos o caminho para a luta contra as situações desesperadoras.

Salete Richetti Parisi

Livro Amor e Luz - Psicografia Chico Xavier

CHICO XAVIER NO AMANHÃ LUMINOSO...

Ronaldo Malafronto
Nascimento: 28.05.1950
Desencarne: 13.02.1973
Parentesco: Filho

Conhecia Chico Xavier por meio da televisão. Nutria muita vontade de conhecê-lo, mas nunca tive oportunidade. Independente de alguns convites feitos pela Srta. Maria Canceli, quando da visita do Chico ao Centro Espírita Paz, Amor e Caridade, mesmo assim não tive esse prazer.

Devido ao acontecimento com o meu filho, vitimado por aneurisma cerebral, meu marido, após quinze dias do seu desencarne, muito desorientado, acabou lamentavelmente deixando o lar, tomando rumo que ainda ignoro. Co, esses desacertos, fiquei muito enferma: aliviava-me sob o poder dos calmantes. As receitas se acumulavam nas farmácias e meu problema não se resolvia. Continuava presa ao sofrimento.

Durante um mês e meio tomei 150 injeções.

Os farmacêuticos e os Doutores pelos quais passei, admiravam-se da quantidade de comprimidos que ingeria, chegando mesmo um deles dizer:

“Com apenas um comprimido eu dormiria 24 horas e a senhora tomando três por vez não surte nenhum efeito. É de admirar!”

Para os caros leitores terem uma idéia do que estou falando, fiquei aproximadamente um ano sem saber o que era dormir. Apenas cochiladas de poucos minutos. As noites e dias desfilavam aos meus olhos.

Não tendo mais condições de agüentar, por Deus, acredito sinceramente nisso, os espíritos amigos inspiraram-me e meu pensamento voltou-se para Francisco Cândido Xavier. Sentia profundamente que a solução ou alívio para tudo que estava me acontecendo era procurá-lo. E assim fiz.

Com o coração esperançoso viajei para Uberaba. Hospedei-me em casa da sra. Candinha, pois em minha companhia foi sua filha Sra. Olívia Dorotea Rodrigues que muito colaborou nessa viagem.

Na sexta-feira fui ao Grupo Espírita da Prece. Ansiosa cheguei muito cedo e fiquei sentada no chão da rua; era um trapo de gente, não queria comer e nem beber, minha ansiedade era unicamente vê-lo. Meu estado era deprimente.

Quando Chico chegou, parecia-me estar revivendo cenas de quando Jesus caminhava no meio dos menos felizes. Com muita fé e em sua presença, rogava a Deus que me curasse.

Minha alegria era transbordante, não tinha condições sequer de desviar meu olhar daquela figura que seria o remédio para os meus dissabores.

Fui à terceira pessoa a conversar com ele e na sua presença, sem dar qualquer valor ao pensamento estético e de boas maneiras, não me importando com o que pudessem pensar ou falar, atirei-me em seus braços.

Com a foto de meu filho nas mãos, mostrei-lhe.

Delicadamente apanhou-a e mostrou ao pessoal presente; dizia comovido:

- “Que belo rapaz Jesus levou para junto de si”. Devolveu-me a foto sem falar mais nada.

Fui sentar-me. Levava vários nomes de amigos e parentes; no meu desespero esqueci de entregá-los ao Chico. Pedi, então, a uma pessoa que colocasse esses papéis na mesa que eram solicitações de preces e receitas.

Não sei porque, devolveram-me e pediram que eu mesma entregasse ao Chico, coisa que costumeiramente não se faz, isto é, são entregues ao Sr. Weaker Baptista e às senhoras que lá freqüentam e trabalham.

Os elementos responsáveis pela disciplina do Centro, penalizados com a minha situação, abriram alas e levaram-me à sua presença.

Nessa oportunidade, pedi ao Chico que gostaria de receber uma mensagem de meu filho.

Respondeu ser ainda muito cedo, mas pediu publicamente que eu atestasse o que iria dizer: era realidade ou não o fato que havia ocorrido há muito tempo em nossa família de ter perdido um cunhado que fora atropelado, chamava-se Rafael. Disse ainda: No momento em que seu filho Ronaldo partiu para Jesus, a pessoa que o encontrou e o recebeu no seu grande desespero, foi esse seu tio. Confirmei sobre Rafael, tornei a sentar-me e aguardei.

Convicta ainda de que receberia o meu remédio, perguntei aos médiuns que se reuniam em comentários sobre o Evangelho, se vivia uma mensagem de meu filho; unânimes, responderam:

“- Se for permitido por Jesus a Sra. Receberá.”

Meu estado de saúde não estava permitindo que eu desfrutasse daquele ambiente maravilhoso. Preocupada também com minha anfitriã, precisei retirar-me.

Estávamos à meia noite, chovia torrencialmente, consegui apanhar o último táxi estacionado.

Os resultados se fizeram sentir, dormi a noite toda, essa maravilha me chegara.

Não precisei de calmante, pois saíra tranqüila.

O ambiente reequilibrar-me.

Na manhã do sábado, viajei para São Paulo, chegando em casa por volta das 17 horas.

Com muita surpresa, na segunda-feira, recebo a visita da Dra. Marlene Rossi Severino Nobre, que trazia em mãos a mensagem de meu filho.

Dizia que haviam procurado por todos os hotéis de Uberaba e não conseguiram encontrar-me; estava como portadora, atendendo gentilmente o pedido de Chico Xavier. Meu filho comunicara.

Mostrei-lhe minha satisfação.

Em seguida passei a ler a mensagem que tanto aguardara. Em sua leitura vim compreender um fato que havia se passado:

Quando Ronaldo ainda em casa, no caixão, não entendia porque, corriam-lhe pelas faces grossos fios de lágrimas. Intrigada com aquilo, perguntei aos presentes se viam também. Todos confirmaram. Na mensagem meu filho cita o porque das lágrimas quando diz: “Aquilo tudo com aquela impressão de fim de existência me fez chorar por dentro, mas as lágrimas eram iguais às vozes que se mantinham presas comigo. Minhas pálpebras também estavam cerradas e aquele orvalho de dor que nascia no coração ficou estancado... Por isso, Mãezinha, é que a senhora e os nossos tiveram a impressão de que eu chorava no corpo imóvel. Ver, eu não vi, mas as suas perguntas nesse sentido eram muitas e minha bisavó Philomena que me tomou por outra mãe explicou-me o que se passara. Quando me retiraram da forma física extenuada as comportas se abriram e as lágrimas que eram em mim preces a Deis, rogando forças em vão para dizer alguma coisa, rolaram pelas faces...”

Vários familiares desencarnados foram citados. O nome Angeloantonio veio escrito exatamente igual ao da família na citação de vovô, e outras coisas mais.

Graças a Deus, e à mediunidade de Chico que deu condições para os espíritos amigos nos ajudarem, hoje sou outra, não soube mais o que é um comprimido calmante.

Minha felicidade voltou e após essa mensagem, recebida no dia 09.04.1976, no mês seguinte Ronaldo aniversariava. Fiz uma festa, convidei todas as crianças vizinhas como Ronaldo gostava, cantamos o parabéns. Essa foi a primeira alegria após três anos de sofrimento.

Ronaldo, desencarnou com 23 anos e, para o caro leitor avaliar, em nossa vida, ainda quando encarnado, por problemas familiares, tentei por diversas vezes o suicídio. Intoxiquei-me com drogas sem ter a consciência do que fazia. Ronaldo, quinze dias antes do seu desencarne, chamou-me e comovidamente fez-me jurar que nunca mais tentasse contra minha vida, dizendo-me:

“- Só Jesus pode ditar nossa partida e quando ela chegar ele nos chama.”
Na sua suplica, via em meus olhos o amor que existia em seu coração para com a mãe que muito o magoara.

Hoje, como na mensagem, ainda recordo suas palavras que, como dínamo, refazem minhas forças e condições de seguir e lutar.

Por tudo isso, agradeço e peço a Deus que transfira os méritos da minha felicidade ao Chico, esse coração que nestes 50 anos só soube amar e tranqüilizar os desesperados como eu.

Após um ano da minha estada em Uberaba, isto é em 09.04.1976, opor dádiva de Deus, a lacuna deixada por meu filho no coração dos familiares, foi preenchida por meu sobrinho Ronaldinho, nascido exatamente em 09.04.1977. encaro-o como se fosse meu filho. Meu irmão colocou seu nome em honra, carinho e afeto que tinha pelo seu sobrinho, meu filho Ronaldo.

Chico Xavier, no amanhã luminoso do nosso entendimento ficará marcado para sempre. Foi o interruptor que ligou e clareou os caminhos que hoje trilhamos no campo do equilíbrio cristão.

Deu-nos o verdadeiro sentido, o amor seja na sua palavra ou na palavra de meu filho, é e será para todo o sempre o melhor calmante que não arrasa o nosso equilíbrio físico e espiritual e dá-nos forças para novas tentativas de trabalho no aprendizado de Jesus.

Perdoem-me os leitores, minha felicidade precisa ser exposta no agradecimento aos companheiros do Ideal, Instituto de Divulgação Editora André Luiz, que sem saber chegaram até nós para este testemunho, exatamente no dia em que Ronaldo aniversaria;

Meu irmão Roberto Angeloantonio, que me surpreendeu com a reunião de vários casais amigos de meu filho em sua casa, para lembrarem esta data;

A Deus pela oportunidade;

Aos amigos leitores pela atenção e aos que necessitam, possam encontrar nestas minhas palavras algum conforto.

Thereza Malafronto

Livro Amor e Luz - Psicografia Chico Xavier

TRAZEM NOS A LUZ, O AMOR DE DEUS...

Horacio Gonçalves Pereira

Nascimento: 11.03.1874

Desencarne: 05.11.1930

Parentesco: Pai

Meu primeiro encontro com Francisco Cândido Xavier, foi em 17.08.1951, quando fui a Pedro Leopoldo em companhia de Pietro Ubaldi, Dr. Clovis Tavares e Antonio Batista Lino, tendo sido apresentado antes pela Sra. Zaira Junqueira Itt, pessoa muito querida do Chico.

Nessa ocasião, Jesus ofertou-me a oportunidade de co-participar de uma reunião na Fazenda Modelo, com a presença do Dr. Rômulo Jovino, quando nosso querido Chico recebeu uma mensagem de Francisco de Assis, endereçada a Pietro Ubaldi, impressa no livro Conferencias no Brasil, Editora O Pensamento.

No advento dessa mensagem, Pietro Ubaldi também recebia a sua, Vós, o seu guia Espiritual o presenteava com sua presença. Muito admirados e emocionados, percebíamos o ambiente se tornar aos poucos todo iluminado. Sentíamos a grande elevação espiritual que aqueles momentos possuíam.

O interessante é que os participantes, em número de doze, vieram de vários estados brasileiros e maravilhados com o acontecimento não cansavam de comentá-lo entre si.

Pietro Ubaldi, emocionadíssimo, não só com o conteúdo dessa riquíssima mensagem, como também e especialmente pela maneira profunda da identificação com as suas necessidades e, em vista disso, muito a comentou durante o nosso período de regresso.

Posteriormente, mantivemos novos encontros, dentre eles, recebemos em 1952 uma mensagem de minha mãe (Alvina Rodrigues Gonçalves Pereira). Nessa mensagem trouxe-nos novas provas de grande valia, com identificações relacionadas com os familiares. Deu-nos bases para confirmar o valor da mediunidade de Francisco Cândido Xavier.

Destacando como um dos valores acima mencionados, os nomes dos meus irmãos e de meu pai Horacio Gonçalves Pereira, que não tinham sido mencionados ao Chico, mas pensava neles no momento.

A questão da filha mais velha não aceitar o espiritismo, foi comprovada, pois, em tempo oportuno, ela se tornou espírita, assumindo responsabilidades e tarefas na evangelização da infância e juventude. Assim suas irmãs Jeny e Eny.

Para que os leitores possam ter uma idéia do que mencionamos, a seguir transcrevemos a mensagem.

“Pedro Leopoldo, 7 de Junho de 1952.

Filho do meu coração, Deus abençoe todos os seus passos, amparando sempre as suas realizações.

Se o coração pudesse falar com letras o que lhe vae por dentro, por certo, as lágrimas de alegria que eu choro estariam neste papel como notas de luz do amor que nos une para sempre. Quisera ter aqui, ao meu lado, igualmente, a nossa Luiza e as minhas queridas netas para envolvê-las no mesmo cântico de jubilo e reconhecimento. Entretanto, seu lar é para nós um santuário e, sempre que me é possível, lá me encontro, rogando ao Senhor nos conceda a felicidade de viver invariavelmente unidos em nosso ideal de renovação.

Meu filho, tantos annos passaram, mas o amor não se modifica. O tempo é como uma veste do nosso espirito – a roupa se altera, mas nossa alma permanece acima de todas as transformações e de todos os reajustes.

Do passado até agora, muita mudança poderíamos registrar... Graças a Deus, porém, e digo-o com santa vaidade no coração, a maior de todas foi o seu crescimento e a sua fidelidade ao bem. Lembro-me dos dias em que conservando você tenro e pequenino, junto do peito, pedia a Deus fizesse de seu destino uma linda história de auxilio e triumpho para a nossa casa. Via Horacio lutando e pensava – “hoje será difícil, mas os meninos serão homens e tudo melhorará”. Agora encontro em nosso caminho às bênçãos de seu esforço. Quando chego à sua casa, meu filho, tenho a idéia de que as gottas do seu suor se transformaram em flores de luz. Na bondade de sua companheira que considero filha de minha alma e no carinho das pequenas, encontro tudo aquilo que eu sonhei para o futuro.

Louvado seja Deus que ouviu nossas preces e santificou a nossa boa vontade.

Você pergunta por seu pae e devo dizer-lhe que elle vae passando bem, enriquecendo-se para a vanguarda do serviço que o espera no porvir. você sabe que nada existe sem preço e as conquistas espirituais reclamam muito esforço. Horacio tem realizado muito e já collabora até mesmo em sua missão de amor. Lucinda tem actualmente lutado bastante. Amélia, a nossa Amélia querida, conta outras tarefas que não me é permitido relacionar agora e o nosso Benedicto continua merecendo a nossa carinhosa attenção. Sei que você tem feito por nós quanto pode fazer, em sacrificio e ternura, um filho e um irmão, dedicado ao nosso bem, contudo, peço ainda a você e à nossa Luiza não se desanimarem com as lutas. Há corações que se ligam aos nossos, obedecendo ao pretérito afflictivo e escuro e que devemos amparar, de longe ou de perto, sem desalento.

As mães, meu filho, não adormecem. Nosso amor é como uma raiz viva e persistente no fundo da terra-ainda que a foice nos decepe os ramos renascentes, continuamos invisíveis embora, na profundeza do solo dos sentimentos, buscando meios de voltar para d]redimir, auxiliando e sustentando sempre.

Em casa, a nossa Alvina tem recebido toda a nossa dedicação. Ella é uma herdeira afortunada de grande cultura da intelligência e se tem ainda certas difficuldades para acceitar o Espiritismo, em sua feição integral, tempo virá em que esposará nossos princípios de hoje com todos os primorosos recursos de seu cérebro e de seu coração para o desempenho das lindas tarefas que trouxe ao renascer. Esperemos e confiemos.

Desnecessário será dizer a você que contamos sempre com o seu devotamento e com a sua comprehensão.

Filho querido, a única identidade que nos torna reconhecidos, além da morte, é aquella que procede das boas obras. A caridade é a nossa luz pra o grande caminho que o futuro nos descortina. Não se canse de espalhar-lhe as bênçãos. E não olvidemos que soffrer para auxiliar é sempre o maior privilegio para o coração ligado a Jesus.

Que Deus nos abençoe e nos illumine. E reunindo você, Luiza e as netinhas no meu abraço, cheio de carinho e de reconhecimento, sou, com todo o coração, a mãezinha muito amiga que não os esquece.

Alvina”

Continuando ainda em novos encontros em Pedro Leopoldo com Chico Xavier, tivemos oportunidades de aprender o valor da Doutrina Espírita, assimilando mais as obras de Allan Kardec, através da leitura dos livros de Emmanuel, André Luiz, Humberto de Campos, Bатуíra, Meimei, Auta de Souza e mensagens de Scheilla, permitindo-nos ainda receber do médium Chico Xavier exemplos edificantes de trabalho, perseverança, humildade, renuncia, amor e fidelidade a Doutrina que nos permitiram desenvolver as nossas atividades nas Obras assistenciais da Federação Espírita do Estado de São Paulo, mostrando, conforme mensagem recebida na mesma data da recebida de mamãe Alvina. Seu titulo, MEU AMIGO, MUITA PAZ. Junho de 1952. Seu conteúdo veio

traçar um roteiro de luz e amor para as obras assistenciais espíritas, despertando-nos para as responsabilidades de vivência do Evangelho na prática da caridade, que é o Amor em ação. (conforme nos diz André Luiz). Vamos à leitura dessa beleza de mensagem.

“Meu Amigo, muita paz.

A assistência social é a fraternidade em ação. Sem ela, indiscutivelmente, os nossos mais preciosos arrazoados verbalísticos não passariam de belos mostruários sonoros.

É necessário teorizar com o exemplo se desejamos argumentar com eficiência e segurança, no campo de nossas realizações.

Se é verdade que as obras sem ideal são primorosas esculturas da arte humana, sem o calor da vida, a fé sem obras, segundo já nos asseverava a palavra apostólica, há quase dois mil anos, não passa de um cadáver bem adornado.

A escola, a maternidade, a creche, o hospital, o refúgio de esperança aos viajantes da amargura, o albergue, o posto de socorro, a visitação fraterna aos doentes e aos necessitados, a palestra amiga e confortadora, a casa de desobsessão, o auxílio de emergência aos companheiros de angústia, o amparo aos irmãos presidiários, a cooperação metódica nos centros especializados de tratamento, quais seja os sanatórios, os hospitais e os leprozários, a contribuição desinteressada, enfim, a dor de todos matizes e de todas as procedências, desafiam a nossa capacidade de imaginar, organizar e fazer, afim de que possamos momentalizar a nossa Doutrina de Amor e Luz no mundo vivo dos corações.

Trabalhem, auxiliando-nos uns aos outros. Somos associados de uma só empresa de redenção, usando o sentimento, o raciocínio, as mãos, a palavra, a tribuna, a imprensa e o livro para o mesmo glorioso desiderato.

Conscientes, pois, de nossas responsabilidades, marchemos para diante, sob a inspiração do Cristo, Nosso Senhor e Mestre, entrelaçando braços e corações na mesma vibração de otimismo e esperança, serviço e sublimação.

Hoje é o nosso dia. Agora é o momento. A luta é a nossa oportunidade. Ajudar é a hora que nos compete.

Sigamos assim, destemerosos e firmes na certeza de que o Senhor permanece conosco e, indubitavelmente, alcançaremos amanhã a alegria e a paz do mundo melhor.

Emmanuel”

Em outras oportunidades, estávamos certa madrugada entre os pés dos eucaliptos, quando um grupo de estudo de astronomia estava examinando as estrelas e a lua. Alguns companheiros começaram a comentar que somente a terra era um plano habitado. Adentrávamos a madrugada com esse comentário, quando compareceu o espírito de André Luiz e através de Chico Xavier comentou:- *“Observando seus comentários que somente a terra tem condições de ser habitada, achei conveniente mencionar aos nossos irmãos que essas opiniões ser esclarecidas e, para isto, imaginemos o oceano Pacífico, como o é, o maior da terra e, joguemos uma laranja em seu meio, comparando, como se a laranja fosse do tamanho da terra, e o oceano o infinito, e nós seus habitantes. Pergunto, como ficaria o resto?”*

Consideramos portanto o ensinamento de Jesus quando nos disse: *“Há muitas moradas na casa de meu pai”.*

Nos contatos subsequentes com Chico, o acompanhamos em muitas tarefas de Assistência Social, aos carecedores de auxílio, quando realizávamos juntos, visitas diurnas e noturnas nos lares mais humildes nos arrabaldes da cidade. O Lar dos Velhinhos “Lindolfo Ferreira”, demonstrava-nos mais uma atividade como vivência do Evangelho.

Finalizando a fase em Pedro Leopoldo, ainda, em reuniões da Doutrina na cidade de Matozinhos, chegou-nos uma mensagem através de sua psicografia, de Irene S. Pinto, quando mencionava a sua presença no encaminhamento de uma irmã a ser

atendida em São Paulo. Para que testemunhássemos a autenticidade e a veracidade de seus dizeres, colocou-nos em mãos, número, rua e local onde jazia seu túmulo.

Para nós, confiantes em sua mensagem, deixamos de verificar, mas, com o passar dos tempos, recebemos através do Dr. Walter Gonçalves, que na oportunidade exercia a função de Engenheiro Supervisor dos Cemitérios na Capital de São Paulo, sabendo de nossa ligação e conhecedor da mensagem de Irene, gentilmente enviou-nos a foto do seu túmulo, onde constava todos os detalhes mencionados em sua mensagem.

Motivado por todo esse aprendizado e exemplos de amor e dedicação de Chico Xavier e, através das mensagens recebidas dos nossos Benfeitores Espirituais, trouxe-nos a necessidade de ampliarmos nosso programa da Federação Espírita do Estado de São Paulo, levando-nos à criação da Casa Transitória. Baseada nas obras mediúnicas de André Luiz, nos volumes do Nosso Lar e Obreiros da Vida Eterna, quando recebemos a mensagem de Bатуíra, que nos trouxe orientação e incentivo mencionando a necessidade urgente na construção desta obra. Trecho da Mensagem Bатуíra/novembro de 1954:

“...Nesse sentido, a Casa Transitória, com os serviços assistenciais que nos dizem respeito, surge, sempre mais imperiosa, mais urgente.

Não desconhecemos o acervo dos problemas que a edificação e consolidação da obra exige em si, mas contamos igualmente com a infinita bondade do Senhor que não nos olvidará em Sua ilimitada misericórdia. Cremos realmente que situar a instituição, na parte central de nossa cidade seria de momento uma iniciativa impraticável, entretanto, o meio-termo para a localização da obra será indiscutivelmente a solução ideal do problema. Nem o agravo de responsabilidades materiais no centro urbano, nem as dificuldades da distancia excessiva nas regiões que lhe sejam vizinhas.

Daí, o motivo pelo qual consideramos de grande oportunidade o teu entendimento com os irmãos da Assistência, tanto quanto com as autoridades que nos dirigem o instituo venerável a fim de que o assunto possa ser estudado em alicerces tão sólidos quanto possíveis.

Guarda, contigo, a certeza de que não estarás sozinho no trato da questão...”

Durante o período de implantação, em nossas horas difíceis, recebemos incentivo, orientação, amparo e sustentação do mundo espiritual.

Devemos agradecer a Jesus que nos permitiu conhecer o médium Francisco Cândido Xavier e que no andamento dessa obra, proporcionou a oportunidade de auxiliar milhares de irmãos nas suas necessidades, exercitando na pratica a vivencia da Doutrina Consoladora que, como ensinou Allan Kardec “Fora da caridade não há salvação”.

De uma maneira mais ampla, devemos assinalar ou destacar o exercício da mediunidade de Francisco Cândido Xavier, da Luz e do Amor, não só pelas comunicações dos Espíritos Benfeitores que nos trouxeram esclarecimentos do Evangelho do Senhor, como também nos exemplos que Chico Xavier nos ofereceu em todos os instantes, quer nos trazendo o amparo através dos órgãos noticiosos como jornais, revistas e televisões, como por exemplo, o programa Pinga-Fogo, e junto as Autoridades Públicas, onde recebeu o titulo de Cidadão em varias cidades e capitais do Brasil e, com toda humildade transferiu os valores desses títulos à Doutrina Espírita.

Mostrou-nos com isso, a renuncia e o devido valor dos nossos Benfeitores Espirituais, demonstrando mais uma vez, que o amor ao trabalho edificante só nos trará a consciência de que a caridade em prol do nosso semelhante é e será sempre reconhecida por aqueles que compreendem, respeitem e reconhecem o valor da mediunidade a serviço de Cristo.

Traz-nos a alegria, paz e a certeza, que no amanhã estaremos nos reunindo na Pátria Espiritual, onde iremos reconhecer que o aprendizado trazido e aceito, colocou-nos na condição de reconhecidos e devedores a esse médium querido, Francisco Cândido Xavier.

Nosso reconhecimento ainda se estende num pedido a Deus: que lhe dê as forças necessárias e, que Francisco Cândido Xavier não fique só nos 150 livros, que continue no seu trabalho mediúnico, a nos dar a palavra desses irmãos que incansavelmente trazem-nos à luz, o Amor de Deus.

José Gonçalves Pereira

Livro Amor e Luz - Psicografia Chico Xavier

...DEIXE-O CONOSCO...

Lucio Lincoln de Paiva
Nascimento: 06.07.1933
Desencarne: 25.12.1974
Parentesco: Esposo

Se é que posso considerar-me espírita, desde os quinze anos tive algum conhecimento do assunto, dadas as circunstâncias que envolveram-me.

Tinha uma amiga e namorada de meu irmão que, naquela época, também contava quinze anos e que por razões sentimentais foi levada ao suicídio.

Em nosso convívio tínhamos afinidades recíprocas muito grande e, naquela mentalidade de criança, fizemos um pacto: aquela que morresse primeiro, viria buscar a outra.

Traumatizada com o seu passamento e devido ao acordo, fiquei atemorizada esperando a morte a qualquer momento. Passado certo tempo, sonhei que ela viera buscar-me. Nessa ocasião namoriscava um rapaz que era espírita. Recebia vários convites de seus pais para que fosse ao centro espírita que freqüentavam. Algumas vezes acedi ao convite. Isso passou-se três anos após o seu desencarne. O sonho foi assim:

- *"Via-me subindo uma rua, quando percebi que minha amiga descia em minha direção. Delicada, graciosa, muito jeitosa, exatamente como era quando encarnada. Usava a mesma roupa do dia de sua partida."*

Frente a frente, perguntou-me pelo meu irmão.

Respondi-lhe que ele estava no consultório de outro irmão. Na realidade ele estava em companhia de sua atual esposa.

- *"Você está mentindo. Ele está com outra".* Foram as suas palavras. Voltou-se uns dez passos e num gesto apontou-me e continuou: - *"Não vim à procura de seu irmão, vim buscá-la. Não se lembra do nosso pacto? Está na hora, vamos!"*

Eu tremia sem saber o que fazer, apavoradíssima. Nesse momento chegaram a mãe e a irmã do rapaz que eu namorava. A senhora percebeu o que se passava. Sua filha perguntou-lhe porque ela não via moça e nós sim. A mãe carinhosamente, esclareceu-a:

- *Minha filha, isto se dá com pessoas que tem mediunidade de vidência, portanto, quem não tem não vê.*

Dirigiu-se depois à minha amiga explicou-lhe que ali não era seu lugar e sim no alpendre da sua casa. Ela aceitou e começou ir embora, mas, antes queria que eu lhe desse um abraço. Mais calma, aceitei. Quando dirigia-me para abraçá-la, pediu-me que não fizesse, dizendo-me: *"Não Edine, não me abrace, eu sou morta!"* nisso a senhora levou-me para casa e quando cheguei à porta, vi-a acenando para mim.

Esse sonho preocupou-me muito.

Algum tempo depois, freqüentando os trabalhos da Doutrina Espírita, desenvolvi a mediunidade da vidência.

Este relato foi apenas para mostrar aos caros leitores como me encontrei na doutrina. Passado muito tempo, conheci Francisco Cândido Xavier, quando Lucio Lincoln de Paiva, meu marido, fez-lhe um convite para participar de uma conferência em nossa Assembléia Goiana.

Na oportunidade, numa rápida passagem por nossa casa e para meu registro, exalou um perfume tão suave, acompanhado de ter, que perfumou todo o ambiente de meu lar.

Quando da morte de Lucio, apesar de ser espírita, desesperei-me chegando mesmo a pensar seriamente em suicídio. Não entendia o porque daquela provação. Achava injusta a passagem de Lucio.

O tempo passava e eu cada vez mais desesperada. Meu marido era demais apegado a vida. Fiquei imaginando como ele estaria do outro lado. Sentia vontade de

procurar Chico Xavier, pois tinha certeza de que em sua presença receberia uma mensagem reconfortante.

Certo dia, recebo a visita de Chico em minha residência. Demorou-se mais que da primeira vez. Nessa oportunidade recebi uma mensagem do Dr. Bezerra de Menezes, explicando que o Lucio ainda não estava em condições de trazer mensagem. Cursava a escola do espaço e que tão-logo se restabelecesse, escreveria.

Apesar desse recado confortador, continuei na expectativa, pois grande era a minha ansiedade. Passei então a visitar o Chico em Uberaba.

Para minha felicidade, na primeira viagem enquanto aguardava o andamento dos trabalhos, vi quando Lucio adentrou o ambiente. Estava amparado por um senhor que eu desconhecia e que posteriormente foi identificado pela mensagem como Dr. Bezerra de Menezes. Esta identidade, aliás, foi depois confirmada através de uma foto que me veio às mãos.

Já muito emocionada com aquela visão, não agüentei quando Chico recebeu sua mensagem. Chorei muito. O público ali presente ficou impressionado em presenciar a profundidade e o número de paginas psicografadas, totalizando 94 laudas.

Lucio tinha o dom da oratória e gostava muito de escrever. Acredito que foi o motivo pelo qual o Chico sofreu todo esse tempo de hora e meia, para trazer a mensagem.

Quando ele começou a ler, cada frase, cada vocábulo identificavam fielmente o Lucio. As palavras “*célere*” e “*burilados*” eram-lhe muito familiares. Usava-as com freqüência. Outro ponto que emocionou-me ainda mais, foi quando Chico leu: “...*o essencial, no entanto, querida é que vim para dizer que ouvi tudo o que seu carinho me falou diante do retrato que a sua dedicação transformou em altar do nosso encontro quase permanente...*” Eu conversava com seu retrato.

Outras impressões mais, como nomes de pessoas, foram tantas que é impossível o Chico ter conhecido todas. Os lugares em que Lucio andou no curso do seu trabalho, foi tudo relatado. E o Chico não acompanhou-o. Os nomes de todos os nossos filhos, a madre Otavia, que eu e nem Lucio conhecíamos e o final da mensagem veio exatamente como ele costumava me escrever, sem contar à assinatura que estava perfeitamente igual.

Depois disso, senti-me completamente reabilitada, conformada.

Tive a convicção de que Lucio estava bem. Criei novas forças. Sei que estamos lutando juntos novamente. No dia da recepção da mensagem, recebi um passe do Chico. No momento da concentração, senti novamente aquele perfume suave, que reanimou-me mais ainda, física e espiritualmente.

Em vista de todos esses acontecimentos, já admirava o Chico pela sua humildade, pela paciência que sempre teve com todos os que o procuram e, essa admiração cresceu para mim, pelo muito que ele me proporcionou.

Para Chico, devemos simplesmente rogar a Deus: “*Deixe-o conosco*”.

Após o recebimento da mensagem, meus familiares, apesar de não serem espíritas, nutrem pelo Chico grande respeito pois tiveram a oportunidade de presenciar coisas que não entendiam.

Para finalizar: “*Muito obrigado Chico, pelos 50 anos de amor, trabalho e carinho*”.

Ediné Almeida Silva de Paiva

RENOVAÇÃO

Emmanuel

Não procures repouso em momentos vazios.
Inércia simplesmente é começo de angústia.
Provação superada faz-se bênção de luz.
Sofre mas permanece construindo no amor.
Se queres elevar-te, não há outro caminho.
Na forja do serviço, Deus te renovará.

Mensagem recebida por Chico Xavier, do livro "Amor e Luz" volta

ENCONTRO

Emmanuel

Se tens sede de Deus,
Renova-te e caminha.

Cria e recria o bem,
Não busques destruir.

Procura abençoar
E nunca maldizer.

Empenha-te a servir,
Nunca a menosprezar.

Toda senda ao Mais Alto
É calvário a subir.

Sofre, mas serve e ama.
E acharás Deus em ti.

Emmanuel

Livro Amor e Luz - Psicografia Chico Xavier

DISCIPLINA

Emmanuel

Abraça mo dever
O caminho mais alto.

És livre na medida
Dos encargos que cumpras.

Fazer o que se deve
É o programa do bem.

Sem prisão que o retenha
O vapor nada move.

O próprio Sol nos Céus
Transita sob as leis.

Queres viver com Deus?
Disciplina é o lugar.

OFERENDA

Emmanuel

Se sofre provações,
Deus te resguarde a fé.

Ante as lutas alheias,
Deus te sustente a paz.

Se a fadiga te alcança,
Deus te restaure a força.

Quando a sombra te envolva,
Deus te ilumine a estrada.

Se caíste em caminho,
Deus te ampare e levante.

Por mais pedras à frente,
Segue e confia em Deus

PERMUTA

Emmanuel

Guarda contigo a paz,
Deus permanece em nós.

Se sofres, não te queixes.
Deus não nos abandona.

Se alguém te desprezou,
Deus não te desampara

Daquilo que precisas
Deus fará suprimento.

Entretanto, não pares,
Nem deixes de servir.

Age em favor de alguém.
Deus zelará por ti.

FICA COM DEUS

Emmanuel

Muitos talvez se foram
De teu próprio caminho.

Viste muitos partir
Procurando outros rumos.

Criaturas amadas
Relegaram-te a sós.

Segues dificilmente
No barco em que te encontras.

Entretanto, não fujas
Do teu ponto de ação.

Mantém a fé, não temas,
Serve e fica com Deus.

Livro Amor e Luz - Psicografia Chico Xavier

CAMINHO

Emmanuel

O caminho a seguir
Está brilhando à frente.

Paz no dever cumprido
É luz verde a guardar-te.

Se proteges a estrada,
A estrada te protege.

Deixa alegria e amor
Nos corações que encontres.

Onde estejas passando,
Voltarás, algum dia.

Deus prossegue contigo,
Segue também com Deus.

NOTÍCIA

Emmanuel

A fortuna somente
Pouco dirá de ti.

Tão só a inteligência
Não te revelará.

O poder que desfrutas
Raras vezes te expõe.

A palavra que dizes
Não te mostra de todo.

Tudo o que tens, no entanto,
Vale no bem que faças.

O próximo a quem serves
Fala de ti a Deus.

ESPLENDOR

Emmanuel

Não desanimes. Segue...
Vives na luz de Deus.

A Terra que te abriga
É um jardim ante o Sol.

Contempla a vida, em torno...
Tudo é cor e beleza.

O fruto que consumes
É flor que amadurece.

A própria dor que sofras
É impulso para os cimos.

Deus te conduz aos Céus,
De esplendor a esplendor.

COMPAIXÃO

Emmanuel

Compadece-te sempre
De qualquer agressor.

Esse dispõe da força,
Mas não abe que é fraco.

Aquele humilha os outros
Sem penar no amanhã.

Quem fere a vida alheia
Está cortando em si.

Esquece qualquer golpe,
Serve e prossegue à frente.

Todos somos fichados
Na justiça de Deus.

SERVIR

Emmanuel

Não te preocupes tanto
Se outros te esqueceram.

O Sol aquece a vida
Em divino silêncio.

Toda raiz se esconde
Para ofertar-te as flores.

A fonte que te ampara
Não pergunta quem és.

Servir é um privilegio
Que o Céu te concedeu.

Quando devas surgir,
Deus te revelará.

REMÉDIO

Emmanuel

Ante as crises da vida
Não te revoltes. Serve

Irritação na essência
É caldeira que explode

Se alguém errou desculpa
Se alguém te fere, olvida

Serenidade em ti
É respeito nos outros

Se algum mal aparecer
Não te afastes do bem

Paciência em serviço
É remédio de Deus